

## Capítulo 8

### O Apelo E A Recomendação Cuidadosos De Paulo. 2.Co. 8. 1-24.

O exemplo das igrejas da Macedônia: *V. 1) Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus, concedida às igrejas da Macedônia; 2) porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. 3) Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, 4) pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos. 5) E não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus; 6) o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós.* A preocupação de Paulo em sua terceira viagem missionária foi, além da pregação do evangelho e da difusão do reino de Cristo, a coleta que recomendava em todos os lugares em favor dos irmãos pobres de Jerusalém. Já quando foi escrita a primeira carta aos Coríntios, também fora começada a coleta em Corinto, 1.Co. 16. 1, e Paulo recomendara insistentemente um esforço sistemático para que a fome aguda de Jerusalém fosse aliviada o quanto antes. A obra não progredia em Corinto de modo tão satisfatório como se esperava, e, por isso, Paulo faz um apelo especial neste capítulo, dando, numa maneira diplomática, as principais razões que deviam mover os cristãos de Corinto a participar, de modo muito dedicado, na coleta. Mas, irmãos, vos tornamos conhecida a graça de Deus concedida às igrejas na Macedônia. Para tornar a coleta, agora em andamento, em todos os sentidos um sucesso, as congregações de Filipos, Tessalônica e Beréia se demonstraram um exemplo brilhante, como Paulo constatara na presente viagem, e como ele agora o informa aos coríntios. Contudo, não como se o povo da Macedônia fosse naturalmente mais inclinado a boas obras do que outras pessoas. Como o apóstolo diz expressamente, foi obra de Deus e uma manifestação do divino favor que moveu seus corações. Pois, quando cristãos ajudam uns aos outros e se comunicam com os necessitados, isso não é uma prova duma liberalidade fora do comum, como se fosse um mérito especial da qual se pudessem envaidecer, mas é a obra da graça de Deus, uma graça pela qual todos os cristãos e congregações deviam pedir e rogar em sincera oração.

Esta fora uma graça especialmente rica que fora concedida às congregações da Macedônia: Que em meio a uma aflição muito grande a abundância da alegria deles e sua profunda pobreza abundaram nas riquezas de sua liberalidade. Os cristãos da Macedônia tinham que lutar com dificuldades excepcionais, sendo perseguidos e molestados por seus vizinhos gentios, e sendo pobres em bens deste mundo. Estes fatos, porém, longe de desencorajá-los e fazê-los desistir da coleta, lhes forneceram um teste para sua fé e seu amor e que atestou a sinceridade de ambos. Estiveram tão cheios e transbordantes da alegria que tiveram na comunhão com Cristo, que abriram amplamente seus corações e contribuíram liberalmente para o alívio de seus irmãos. Superaram de modo tão completo a desvantagem que sua aflição e sua imensa pobreza lhes impunham, que sua liberalidade abundou em proporção, e superaram em muito aos que possuíam uma maior abundância em dinheiro e posses deste mundo.

Sobressaíram-se tanto neste sentido, que Paulo podia testemunhar deles: Testemunho que foram dispostos conforme seu poder, e acima de sua capacidade, segundo sua própria concordância, pedindo-nos com insistentes rogos pelo privilégio de participar no ministério em favor dos santos. Está aqui um testemunho maravilhoso da boca do apóstolo, o qual, evidentemente, esteve bem a par das circunstâncias financeiras dos cristãos da Macedônia.

“O motivo que fez que estivessem tão restritos em condições financeiras foi, provavelmente, que haviam sido vítimas de perseguição e haviam achado difícil prosseguir em suas vocações regulares por causa do ódio dos descrentes.”<sup>1)</sup> Mas este fato não os impediu em sua determinação de participar na nobre obra esboçada pelo apóstolo. Não só chegaram ao seu limite, mas além dele, superando a medida do seu poder no desejo de vir em auxílio de irmãos que eram ainda mais pobres do que eles. Em outros casos, via de regra, é necessário, e, como é triste! muitas vezes em nossos dias, que cristãos precisam ser pedidos e rogados e insistidos e admoestados e persuadidos e adulados para que dêem de sua abundância. Aqui, porém, o caso é exatamente o oposto. Os cristãos da Macedônia por sua própria espontaneidade decidiram sobre sua ação, mas, até pediram o favor especial de Paulo que lhes permitisse participar nesta obra de assistência aos santos. Sua doação de esmolas foi realmente uma participação de amor e esteve sob a bênção de Deus. Que exemplo para as igrejas de hoje!

Mas o auge da liberalidade deles é descrito por São Paulo, quando diz: Porém não foi como esperávamos, mas deram-se, primeiro, ao Senhor e a nós pela vontade de Deus. Este o ponto importante sobre o qual toda a passagem gira realmente. Os cristãos da Macedônia, antes de tudo, se ofereceram ao Senhor, (ofereceram-lhe) seus talentos, suas energias, suas habilidades, e por isso também suas posses terrenas, quaisquer que fossem. Colocaram a si e a tudo que tiveram, sem uma só restrição, à disposição de Deus e do apóstolo. Foi um ato de sacrifício singelo, o qual em muito excedeu até mesmo as esperanças mais entusiásticas do apóstolo, mesmo depois que lhes atendeu o pedido de participar no “caminho” para Jerusalém. E isto aconteceu, não num espírito de auto-exaltação, mas porque este procedimento como o que concordava com a vontade de Deus. Desta forma, seu impulso ao servir consagrado é atribuído à graça de Deus, tal como sempre devia acontecer em circunstâncias semelhantes.

Um exemplo de voluntariedade tão inédito como este quase assoberbou a Paulo: Assim que (agora) exortamos a Tito que, assim como ele fizera um princípio, também concluisse esta mesma graça entre vós. Pode ter sido que a intenção original de Paulo fora que Tito cuidasse da coleta na Macedônia. Mas, visto que as condições nesta província foram como as recém descritas, não sentiu a menor hesitação em deixar o assunto inteiramente nas mãos das congregações. Em Corinto, no entanto, segundo todos os relatos, o entusiasmo precisava de alguma assistência. Por isso, nada mais natural do que o apóstolo enviar Tito, que começara a fazer a coleta na Acaia, ou seja, que voltasse para Corinto e também tentasse torná-los perfeitos nesta graça da liberalidade cristã, assim como se regozijara em ver neles as graças do arrependimento e zelo. Pois o dom da liberalidade cristã não pertence às graças especiais da época dos apóstolos, mas pode ser obtida por meio duma aplicação sincera da Palavra de Deus e por meio da oração, e que devia ser cultivada diligentemente, para que Satanás não nos tente por conta de nossa disposição avarenta. Notemos a delicadeza do apóstolo: “Quando o apóstolo viu os macedônios tão entusiasmados e ardentes em todas as coisas, mesmo que sob grandes tentações, enviou Tito para despertar a ação dos coríntios, para que também correspondessem. Na verdade, ele não o diz, mas o subentende, e assim mostra a grandeza e a delicadeza de seu amor, o qual não pode permitir que os coríntios fossem inferiores.” (Crisóstomo)

Uma prova do amor deles por Cristo: *V. 7) Como, porém, em tudo manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra, como no saber e em todo cuidado e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça. 8) Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor; 9) pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos. 10) E nisto dou minha opinião; pois a vós outros que desde o ano passado principiastes, não só a prática, mas também o querer,*

---

<sup>1)</sup> 28) Lange-Schaff, 2. *Corinthians*, 139.

*convém isto.* O argumento anterior é aqui expandido e ligado a um que é ainda mais impressionante: Antes, porém, assim como abundais em tudo, seja na fé ou no dom da palavra, no conhecimento, em todo zelo e no amor a nós, também abundeis neste dom da graça. Entre os coríntios se encontravam em rica medida todos estes dons: Fé, não a fé salvadora mas o heroísmo da fé a qual, em certos casos, é concedida por Deus, 1.Co. 12. 9, o dom da palavra que é a capacidade de expor e aplicar a mensagem do evangelho, conhecimento das coisas divinas o qual devia ser usado com o objetivo da edificação, todo zelo e sinceridade para não ficar atrás dos demais no cumprimento da vontade de Deus, e amor a seu mestre, do que (Paulo) tivera provas abundantes. É um argumento muito inteligente esse que Paulo aqui emprega para despertar todos estes destaques, e então afirmar que eles, com certeza, não iriam querer ficar em débito neste um dom da liberalidade cristã.

E para que não se ofendessem com esta maneira de se expressar, Paulo se apressa em acrescentar: Não falo no modo dum mandamento, mas como para testar por meio do zelo de outros a veracidade de vosso amor. No assunto da santificação cristã Paulo poderia ter dado instruções exatas, 1. Co. 14. 37, mas se contém de fazê-lo no caso desta coleta, para que não prejudicasse a alegria da voluntariedade deles em dar. Queria testar o amor deles por meio da sinceridade e do zelo de outros, a saber, das congregações da Macedônia. Pois, sabia que o zelo dos macedônios poderia estimular os coríntios a uma demonstração semelhante de ardor, e que assim seria provado se seu amor era genuíno. Caso permitissem que irmãos mais pobres ofuscassem seus esforços no caso desta coleta, então estaria claramente provado que o amor deles para com o apóstolo, e acima de tudo a Cristo, não era correto.

Isto introduz o argumento mais forte de todos: Pois, vós conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, a saber, que por nossa causa Ele, ainda que fosse rico, se tornou pobre, para que por Sua pobreza vós fôsseis tornados ricos. Neste fato os coríntios estavam versados, visto que foi uma das doutrinas básicas ensinadas pelo apóstolo, assim como ela é repetida, de modo muito variado, em toda pregação do evangelho. O apóstolo os lembra da graça do Senhor Jesus Cristo, que é a graciosa bondade e o favor, cuja única razão e motivo é o Seu eterno amor pela humanidade pecadora. Esta graça foi revelada e cumprida de um modo tal que, por amor a eles, ou seja, por amor de todas as pessoas, Ele se tornou pobre, sujeitou-se à mais profunda pobreza, e isto apesar de Ele ter sido rico. O rico Senhor do céu, o Possuidor da plenitude da glória divina e da abundância de todos os tesouros, se tornou pobre, negou a Si mesmo o uso e o usufruto, até mesmo, duma ordinária prosperidade, e em toda Sua vida viveu nas profundezas da pobreza. Incidentalmente, contudo, Ele derramou sobre nós toda a medida das riquezas espirituais nos lugares celestiais, dando-nos muito mais tesouros divinos do que Ele careceu de tesouros terrenos. Tendo sempre ante os olhos um exemplo como este de supremo sacrifício, o que poderiam fazer os coríntios, bem como os cristãos de todos os tempos, se não lutar com todo o poder espiritual à sua disposição para imitar o grande exemplo e seguir nos passos de seu grande Senhor?

Por isso, o apóstolo, em vez de ordenar, escreve: E dou a minha opinião neste assunto, pois vos é proveitoso, visto que, não em fazê-lo, mas também em pretender fazê-lo, vós fostes os primeiros a começá-lo no ano passado. Neste caso, o apóstolo deliberadamente optou em não dar instruções definidas e detalhadas, porque agora seu conselho seria melhor e mais útil, sendo mais vantajoso aos seus objetivos. Pois, apenas a um ano atrás, quando Paulo, primeira vez, colocou antes eles o assunto da coleta, haviam insinuado com sua concordância. Havia demonstrado a mesma arrancada dos macedônios para não só executar o plano mas também na execução do plano original. Quando este é o caso e as pessoas estão plenamente dispostas a fazer o que é correto, então elas colhem maior proveito moral duma palavra de conselho do que de qualquer imposição. Temos aqui uma sugestão ao tacto pastoral dos ministros e das comissões eclesiásticas, bem como dos paroquianos em geral.

O princípio da igualdade: *V. 11) Completai agora a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses. 12) Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem, e não segundo o que*

*ele não tem. 13) Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, 14) suprimindo a vossa abundância no presente a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e assim haja igualdade, 15) como está escrito: O que muito colheu, não teve demais; e o que pouco, não teve falta.* O conselho de Paulo não é menos eficaz porque lhe faltou a força dum mandamento explícito, mas antes este fato lhe aumenta a força. Pois ele salienta aos cristãos de Corinto de que haviam expresso sua disposição em participar na coleta, tendo eles feito os necessários arranjos preliminares. Por isso, pois, o que era mais lógico do que esperar que demonstrassem sua boa disposição de um modo ainda mais cabal. Por isso diz Paulo: Mas agora completai também a ação, que, assim como houve prontidão para querer, aja também a conclusão com aquilo que tendes. O assunto da coleta se tornava, dia após dia, mais premente e urgente, e visto que, sem dúvida, eram sinceros em sua intenção de cumprir com sua participação no alívio do sofrimento que havia em Jerusalém, deviam apressar-se em demonstrar as provas concretas de seu objetivo. Por meio duma ação rápida e explícita deviam levar o caso ao fim, e sua performance devia corresponder com sua boa vontade. Deviam contribuir de modo gracioso conforme sua capacidade. Pois Deus aceita a boa vontade onde faltam os meios para executar a obra. Ou, como o próprio Paulo explica: Pois se está presente a prontidão, então é aceitável conforme o que uma pessoa tem, e não conforme o que não tem. Deus olha para a disposição do coração, Mc. 12. 43, e conforme este padrão avalia a oferta. A quantia principesca que uma pessoa rica dá de sua abundância pode, relativamente, ser bem menor do que a moeda de cobre que para uma pobre viúva pode significar privação e sacrifício.

Esta idéia é agora mais ilustrada: Pois o fato não é que para os outros haja alívio mas para vós opressão, porém para alcançar a igualdade, sendo a vossa atual abundante provisão para a escassez deles, para que provisão abundante deles possa provar ser para a vossa escassez, para que possa existir igualdade. Esta sentença é acrescentada, principalmente, por causa do contribuinte sem vontade e resmunguento, cuja queixa, via de regra, é que ele está ficando pobre por dar a outros, os quais ele acha se estão revolvendo na abundância por conta de sua contribuição. O objetivo de Paulo, de modo nenhum, foi que a congregação de Jerusalém se acomodasse despreocupada e gozasse os dons que provieram das congregações da Ásia, da Macedônia e da Acaia, enquanto estas últimas, como resultado de terem dado além de suas posses, se vissem oprimidas por cuidados. Estava simplesmente defendendo o princípio da igualdade ou da reciprocidade. Como as coisas estavam, as congregações que estiveram envolvidas nesta coleta foram capazes para prover auxílio aos pobres de Jerusalém, e por isso deviam estar prontos a oferecer essa assistência; mas poderia vir o tempo quando as coisas poderiam estar inversas, e ele esperava que então os cristãos de Jerusalém e da Judéia retribuíssem na mesma medida. Até hoje é seguido o mesmo princípio. Quando certas congregações são atingidas por uma quebra na colheita, ou quando visitadas por tempestades arrasadoras e por seus próprios esforços se acham incapazes tanto para manter suas vidas ou para reconstruir sua propriedade eclesiástica, então é correto que as outras congregações acorram em sua assistência.

Paulo ilustra este princípio por meio duma citação do relato das Escrituras sobre o recolhimento do maná no deserto: Como está escrito: Aquele (que recolheu) muito nada tinha de sobra, e aquele (que recolheu) pouco não tinha falta, Ex. 16. 18. Quando o Senhor deu aos filhos de Israel maná no deserto, aconteceu que os mais robustos juntaram um suprimento maior, enquanto outros não foram capazes para trazer tanto para casa. E ainda assim as necessidades das famílias individuais diferiram conforme seu tamanho. Mas a diferença foi desfeita depois do seu retorno do campo, tendo como resultado que cada família tinha o suficiente maná para suas necessidades até o dia seguinte. O Senhor deseja que exatamente assim nas congregações o excedente duma sirva para assistir a falta da outra, bem assim sempre que há em qualquer região do país, ou onde quer que a obra do evangelho está sendo

realizada, que as congregações das outras regiões mostrem sua disposição em ter em mente o princípio aqui expresso como sua linha de ação.

O elogio a Tito e seus companheiros: *V. 16) Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós; 17) porque atendeu ao nosso apelo e, mostrando-se mais cuidadoso, partiu voluntariamente para vós outros. 18) E com ele enviamos o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas. 19) E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça, ministrada por nós, para a glória do próprio Senhor, e para mostrar a nossa boa vontade; 20) evitando assim que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós; 21) pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens. 22) Com eles enviamos nosso irmão, cujo zelo em muitas ocasiões e de muitos modos temos experimentado; agora, porém, se mostra ainda mais zeloso pela muita confiança em vós. 23) Quanto a Tito, é meu companheiro e cooperador convosco; quanto a nossos irmãos, são mensageiros das igrejas e glória de Cristo. 24) Manifestai, pois, perante as igrejas, a prova do vosso amor e da nossa exultação a vosso respeito na presença destes homens.* Tendo citado os motivos que deviam incitar os coríntios a reassumir, rápida e energicamente, o assunto da coleta, Paulo agora dá provas de seu senso e cuidado práticos, em especial no assunto de evitar más impressões, ou seja, a aparência de práticas que em nada eram francas e honestas. Para este fim envia aqui um elogio formal sobre Tito: Mas damos graças a Deus, que deu o mesmo zelo por vós ao coração de Tito! Pois ele não somente aceitou o vosso apelo (v. 6), mas sendo ele ainda mais zeloso, foi por sua própria conta até vós. Aqui Paulo escreve segundo o modo de escrever cartas naqueles dias, conforme o qual o escritor sempre se colocava na posição da pessoa que recebeu a carta, sendo que isto também dirigia o emprego dos tempos de verbo que empregava. Aqui ele registra sua gratidão a Deus por ter dado a Tito o mesmo cuidado sincero por eles assim como ele próprio o sentia. Isto foi atestado pelo fato que Tito aceitara, sem a menor hesitação, o desejo de Paulo para retornar a Corinto. Sem alguma solicitação adicional, mas por sua espontânea vontade, viajou levando também esta carta. Só este fato já devia ter bastado para dispor os coríntios em favor de Tito.

Paulo, porém, também inclui credenciais em favor dos companheiros de Tito. Do primeiro diz ele que enviou com Tito o irmão que lhes foi bem conhecido, um homem cujo louvor no evangelho esteve espalhado por todas as congregações. Este foi, assim, um homem que teve a melhor reputação como um trabalhador enérgico no interesse da palavra de Deus, do qual todos os cristãos falavam elogios. Não é conhecida a identidade deste irmão, ainda que tenham sido citados Lucas e Trófimo. Deste homem não somente se falava bem em todas as igrejas, que foi um fato que o teria recomendado a uma terna recepção por todos os coríntios, mas as igrejas da Macedônia nele haviam colocado tanta confiança que formalmente o escolheram para acompanhar ao apóstolo em sua viagem para Jerusalém. A intenção de Paulo foi, no caso de a coleta valer a pena, fazer a viagem a Jerusalém em companhia dos portadores do dinheiro, 1. Co. 16. 3, 4. Este homem, como o representante das igrejas da Macedônia para levar seu dom aos irmãos pobres de Jerusalém, veio com Tito. E da oferta que fora recolhida diz Paulo: A qual por nós é ministrada à glória do Senhor e como uma prova de vossa boa vontade. Paulo esteve tão ciente em dar toda a glória a Deus que primeiro menciona esta finalidade da boa obra. Mas, enquanto a contribuição que estava sendo recolhida, primeiramente, servia para a glória do Senhor, ela também provou a prontidão de Paulo, o qual, pelo vivo interesse que era mostrado nas congregações, agora se achou fortalecido na execução de sua tarefa. Esteve aliviado dum grande peso de cuidado e se sentiu confiante de que toda esta tarefa agora iria ser alcançada mais comodamente.

Paulo, ao mesmo tempo, usou de todas as precauções contra alguma falsa desconfiança: Evitando isto, ou seja, fazendo provisão para esta eventualidade, que qualquer pessoa nos pudesse envergonhar, atirasse nódoas sobre nós, no caso desta abundante coleta que recebe o nosso cuidado; pois provemos as coisas com honestidade, não só à vista do Senhor, mas

também à vista das pessoas. Fazendo com que as congregações elessem membros responsáveis para que o acompanhassem em sua viagem e com ele fossem encarregados do dinheiro coletado, então estava removido todo perigo de acusações vulgares quanto à sua honestidade e quanto a um correto uso do dinheiro. O apóstolo sentiu tanto mais a sabedoria desta medida precavida, porque a coleta prometia ser muito abundante. Ele, com toda certeza, soube que à vista de Deus estava limpo de qualquer injustiça e que não fora estimulado por alguma ambição falsa, ou seja, que não agira nalgum modo autocrático, e que estava longe de sua idéia, o pensamento de se apropriar de somente um centavo do dinheiro. Mas ele também soube que más línguas facilmente podiam ferir seu trabalho e prejudicar a causa do evangelho, com o espalhar de desconfianças que não poderiam ser desfeitas se não por sua palavra não confirmada. Ele preferiu, por causa disso, ter consigo estes testemunhos. Esta prudência deve ser muito recomendada a todas as congregações, em especial em assuntos de transação comercial e de finanças. A indicação de comissões de finanças e de balanço não é uma censura ao tesoureiro ou ao secretário de finanças, mas é uma política sábia, a qual conserva estas pessoas acima de qualquer acusação e suspeição, quando o trabalho é feito num espírito verdadeiramente cristão.

Quanto a um segundo homem que, como companheiro de Tito, estava chegando a Corinto, diz Paulo que é um irmão cujo valor fora testado em muitas instâncias, nas quais se comprovara como cheio do mesmo zelo como o do próprio Paulo, e agora de modo ainda maior, ou seja, em maneira ainda maior, por causa da grande confiança que depositava nos coríntios. Este homem deve ter conhecido a situação de Corinto, fosse isso por uma visita pessoal, ou por causa de relatos muito completos que ouvira de Paulo e de Tito. Este pode ter sido Tiquico; de qualquer maneira, foi um enviado das congregações que haviam colaborado na contribuição. Finalmente, quanto ao que dizia respeito a Tito, caso alguém desejasse saber sobre sua relação oficial com Paulo, aqui lhe é dito que Tito é um colega e colaborador do apóstolo, e seu representante pessoal junto a congregação de Corinto; por ele o apóstolo assumiu pessoalmente a responsabilidade. E dos três irmãos ele afirma que são enviados das congregações, que, em cada caso, foram eleitos corretamente para representar sua congregação toda. É assim que eles são a glória de Cristo, porque o trabalho deles foi feito diretamente como culto ao Senhor e imediatamente redundou em Sua honra. Paulo conclui com a admoestação que os cristãos de Corinto dessem provas de seu amor, não só a Paulo, mas a todos os irmãos, e o apoiassem em seu gloriar-se por causa deles, dando a estes homens ante todas as congregações uma demonstração de seu amor. Irmãos que chegam numa congregação cristã numa igreja irmã, trazendo as devidas credenciais, deviam receber, neste mesmo sentido, toda consideração de amor e bondade fraterna, visto que com isto é realçada a glória de Cristo, do Senhor da Igreja.

**Resumo:** Paulo cuidadosamente apela aos coríntios de iniciar uma ação efetiva de coleta alegando com ênfase o exemplo das igrejas da Macedônia, o amor lhes mostrado por Cristo, e o princípio de igualdade; inclui uma recomendação de Tito e seus companheiros.

## Capítulo 9

### As instruções conclusivas de Paulo sobre a coleta. 2. Co. 9. 1-15.

O exemplo estabelecido pela prontidão dos coríntios: *V. 1) Ora, quanto à assistência a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos; 2) porque bem reconheço a vossa presteza, da qual me glorio junto aos macedônios, dizendo que a Acaia está preparada desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado a muitíssimos. 3) Contudo, enviei os irmãos, para que o nosso louvor a vosso respeito, neste particular, não se desminta, a fim de que, como venho dizendo, estivésseis preparados, 4) para que, caso macedônios vão comigo e vos encontrem desapercibidos, não fiquemos nós envergonhados (para não dizer, vós) quanto a*

*esta confiança.* A excelente diplomacia e o tacto pastoral estão claros em cada linha desta admoestação. Ele escreve de modo muito apologético: Pois no que diz respeito ao auxílio destinado aos santos, é supérfluo que eu vos escreva. Os coríntios, há muito tempo, haviam sido persuadidos do aperto dos irmãos na Judéia e da necessidade da coleta em seu favor, ao lado do fato que estiveram completamente cômnicos do seu dever cristão para socorrer aos que estavam sofrendo. O apóstolo, por isso, não se considera chamado para sublinhar este fato, visto que quanto a este ponto não precisavam de mais alguma instrução. Suas sugestões só dizem respeito ao tempo e ao modo de fazer a oferta.

O apóstolo aproveita a oportunidade para reconhecer com correto louvor a posição deles no caso desta coleta: Pois sei da vossa boa vontade, que louvo de vós aos da Macedônia, a saber que a Acaia está desde a um ano atrás completamente preparada; e o vosso zelo estimulou a maioria. Sempre que Paulo podia fazer um relato favorável a respeito de qualquer pessoa, era-lhe isto um manancial do maior prazer e da maior gratificação, particularmente quando essa informação tinha por objetivo encorajar e incitar outros a progredir na santificação. E aqui houve uma oportunidade esplêndida, visto que, como afirmara acima, cap. 8. 10, 11, os cristãos de Corinto, quando de sua apresentação do assunto a eles, haviam aceito a tarefa e admitido sua disposição de participar na proposta coleta em favor dos pobres de Jerusalém. A congregação de Corinto, como aqui aprendemos, não havia ficado a sós na aprovação de resoluções favoráveis sobre o projeto, mas as outras congregações da província haviam declarado sua disposição de se unir neste seu empreendimento de caridade, e Paulo pôde fazer seu elogio correspondente. O efeito foi que as igrejas da Macedônia e a maioria de seus membros haviam sido inspirados a um zelo semelhante. Haviam-se revelado ainda mais dispostos e generosos, assim como Paulo escrevera acima, cap. 8. 1-4. Até haviam, da sua parte, provado ser um exemplo aos coríntios avançando em relação a eles na real execução do auxílio.

Paulo por este motivo, por sentir que os coríntios só precisavam de encorajamento para completar a obra o quanto antes possível, lhes diz: Nesse mesmo tempo enviei os irmãos, para que nosso gloriar-nos nesse sentido sobre vós não se tornasse sem sentido, para que vós, assim como já disse, sejais completamente preparados, para que, caso alguns macedônios nos acompanhem e vos encontrem não preparados, não sejamos envergonhados ( que eu não diga, vós) nesta confiança. Como dissera o apóstolo, os cristãos de Corinto realmente conheciam seu dever e haviam expresso sua disposição para executá-la, porém esteve apreensivo com eles para que logo cumprissem seu desejo. Foi este o motivo porque enviou Tito e seus companheiros com esta carta, ou seja, para lembrá-los de sua promessa, e exortá-los a concluir sua coleta na ocasião quando ele próprio tivesse possibilidade de vir. Pois era possível que alguns dos irmãos da Macedônia viajassem com ele. A situação seria embaraçosa, caso acontecesse que então, com sua chegada em companhia destes irmãos, que sabiam do seu confiante gloriar a respeito dos coríntios, a coleta ainda não tivesse sido concluída. Envergonharia vergonha ao apóstolo, que falara tão confiantemente da sua avidez para colaborar nesta emergência, mas também iria redundar na vergonha dos coríntios, e isto não só porque não cumpriram as expectativas, mas também porque estariam ante os irmãos da Macedônia como negligentes em seu dever cristão. Incidentalmente Paulo teve certeza que o amor deles por ele era mais forte do que sua preocupação por sua própria honra. Nota: Ainda que o amor de Cristo devia ser sempre o motivo maior duma congregação cristã com relação a todas as obras da santificação, o fato que também seu pastor poderá prejudicado em seu bom nome, por causa do desleixo deles nesse caso também possa ser premido.

Os dons dos cristãos deviam ser medidos pela grandeza de seu amor a Deus: *V. 5) Portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós entre vós, e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como expressão de generosidade, e não de avareza. 6) E isto afirmo: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará. 7) Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por*

*necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria.* Aqui o apóstolo afirma a tarefa exata dos representantes que estava enviando: A saber, por isso, para prevenir o perigo do qual é falado no v. 4, ele crera que era necessário rogar aos irmãos, a saber, os companheiros de Tito, que o precedessem para Corinto, dirigindo-se para lá algum tempo antes que ele conseguisse fazer a viagem. Por meio deste arranjo estes homens teriam a possibilidade para preparar antecipadamente o dom previamente prometido pelos coríntios. O que haviam prometido era um dom, literalmente, uma bênção, porque eles mesmos o haviam recebido como bênção da mão de Deus, e porque pela misericórdia que agia por meio deles se tornaria uma bênção para os irmãos necessitados. Os coríntios, obedecendo ao pedido de Paulo, desta forma teriam pronta sua contribuição como uma verdadeira doação, ou uma gratificação, ou seja, da parte deles algo que proveio de puro amor, e não como algo que por extorsão arrancado de corações e mãos indispostos pela cobiça invejosa do apóstolo.

Agora Paulo enfatiza na forma dum dito proverbial, que tão somente os dons de gracioso amor possuem valor à vista de Deus: Digo, porém, isto: Aquele que semeia parcamente, parcamente também ceifará, e aquele que semeia abundantemente, abundantemente também ceifará. Cf. Pr. 11. 24, 25. É uma experiência comum que o retorno, a recompensa, é comensurável com o volume e o trabalho investido. Quando um agricultor economiza em semente e semeia de modo muito ralo, então sua colheita será magra em quantia, mas se semeia conforme a fertilidade do solo, então terá um rico retorno por seu trabalho. Não é difícil a aplicação ao campo espiritual. Quando uma pessoa é parcimoniosa em obras de amor, quando só a duras custas pode ser persuadido a participar em empreendimentos de caridade, então sua recompensa será proporcionalmente pequeno, sua recompensa será uma recompensa menor da graça. Doutro lado, aquele que semeia abundantemente, com bênção, como um dom de amor imenso, esse terá uma recompensa da graça que significará mais do que uma compensação plena. Cf. Lc. 6. 38. “Pois os bem-aventurados terão recompensa, um mais do que o outro.”<sup>2)</sup> Que cada cristão se recorde disso, em especial quando é convocado para fornecer uma prova prática dessa comunhão de fé e amor que une a todos os cristãos. Somos tão somente mordomos de Deus em todas as nossas posses terrenas, sob o compromisso de administrar o dinheiro que conforme a Sua vontade nos foi confiado.

Que um ofertar como este precisa ser feito sem a menor sombra de contrariedade segue do fato que ele provém do amor: Cada um conforme se dispôs em seu coração, não por má vontade ou por obrigação; pois Deus ama a quem dá com alegria. Praticamente tudo depende do estado de espírito com que uma pessoa participa nas obras de misericórdia que nos foram concedidas pelo Senhor para que as realizemos. Quando uma pessoa está numa estrutura de espírito que é mal-humorada e depressiva, quando está tomada de tristeza ante a idéia de participar com aquilo dá, ou se ela se considera sob obrigação, porque não consegue encontrar um jeito para se livrar, então seu dom não contará com a aprovação do Senhor. Cada cristão devia fazer as pazes com seu espírito para cuidar de sua participação nos negócios do Senhor, não permitindo que pensamentos tais entrem em e nem que governem seu coração. “Deus não quer tais obras hipócritas. O povo do Novo Testamento, ao contrário, deve ser povo voluntário Sl. 110 e que ofereça voluntariamente sacrifícios Sl. 54.”<sup>3)</sup> A correta disposição de espírito é o que mede sua disposição por meio do amor a Deus, e faz com que seja cordial, pontual e diligente, conforme a expressão que os tradutores gregos do Antigo Testamento acrescentaram como explicação de Pr. 22. 9. Cf. Dt. 15. 10. Dum lado não haverá qualquer compulsão excessiva quanto a coletas de caridade, e, do outro lado, haverá prazer sincero para conceder ao Senhor o que o ofertante tiver a possibilidade de dar. Nota: Chama atenção ver que o apóstolo emprega nestes dois capítulos tantos termos diferentes que designam a coleta. No que diz respeito à sua fonte, é ela a graça. Quanto à sua relação à vida da igreja, é a comunhão, a comunicação. Quanto à sua relação aos servos

---

<sup>2)</sup> 29) *Conc. Trigl.*, 221 [Cf. *Liv. Conc.* Aplogia IV, pág. 171, 366, pois não confere com o inglês)]

<sup>3)</sup> 30) *Liv. Conc. F.C.*, S.D. IV, 593, 17.

públicos, é o ministério. Quanto aos seus objetivos beneficentes, é uma bênção. Como um ato de piedade pública, é um culto ou uma adoração.

Deus abençoa o dar liberal: *V. 8) Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, 9) como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre. 10) Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento, também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e multiplicará os frutos da vossa justiça; 11) enriquecendo-vos em tudo para toda a generosidade, a qual faz que por nosso intermédio sejam tributadas graças a Deus.* O apóstolo está tão denso do conteúdo de seu assunto que suas palavras jorram numa irresistível torrente de louvor pelas multiformes manifestações da graça de Deus nos coríntios e por meio deles: Deus tem poder para fazer que toda graça abunde com respeito a vós. A força e o poder de Deus é tal que Lhe torna algo fácil abençoá-los em rica medida com cada dom, tanto temporal como espiritual. E o efeito será naturalmente que eles, tendo sempre toda suficiência, abundariam em toda boa obra. A riqueza da bondade e da misericórdia de Deus para com eles é o motivo supremo que incita os cristãos para, de modo feliz e gracioso, realizar todas as boas obras. Eles possuem as riquezas da graça de Deus em Cristo Jesus. Deus lhes dá o suficiente – e mais do que suficiente – em bens e dons terrenos. O que seria mais natural do que, conforme Sua vontade, mostrarem sua apreciação e sua gratidão? Este versículo devia ser guardado muito mais em mente pelos cristãos de nosso país, no qual a grande maioria deles foi abençoada tão ricamente. Pois, com certeza, vivem em condições que testemunham que estão perfeitamente satisfeitos, visto que possuem uma subsistência tal que não só lhes concede os confortos do corpo, mas até para verdadeiros luxos.

Paulo ilustra e aplica sua idéia por meio duma passagem do Antigo Testamento: Ele espalhou em todas as direções, deu aos pobres, sua justiça dura para sempre, Sl. 112. 9. A pessoa verdadeiramente caridosa, ou seja, cada cristão na realização das boas obras que lhe cabem, espalha em todas as direções, assim como um agricultor semeia amplamente; ele distribui abundantemente em todas as direções. Como diz Lutero, são Paulo escolheu cuidadosamente esta palavra, admoestando os cristãos a dar ricamente, e para que possa ser uma bênção real. É como se ele dissesse: Não vos preocupeis sobremaneira com os níqueis e centavos. Quando desejais dar, daí de bom grado, como se o quisésseis espalhar ao redor. Assim como os pobres e necessitados serão beneficiados por nossa ajuda, na mesma medida ela devia ser oferecida. E o efeito é que, como uma recompensa de graça, ante Deus as boas obras do doador são guardadas na memória, ou seja, ante o Senhor sua conduta louvável é guardada como um tesouro. É compreensiva a aplicação da passagem: Mas Aquele que de modo tão abundante oferece semente ao semeador e pão para alimento também fará que aumente a vossa semente e multiplicará os frutos de vossa justiça. Assim como Deus dá semente ao agricultor e o abençoa com os resultados de seu trabalho na forma de pão e todos os suprimentos para o sustento da vida, assim Ele também estende a mão de Suas bênçãos no campo espiritual. O próprio Deus, sendo o proprietário de toda prata e ouro do mundo, concede a cada um dos Seus mordomos uma tal medida de Sua generosidade como é necessária ao ambiente particular em este cristão deve aplicar estas bênçãos, que no caso dos coríntios foi o da coleta que então estava em andamento. É pela generosidade e pela misericórdia de Deus, por isso, que em cada cristão são multiplicados e aumentados os frutos de justiça. Então, com certeza, Deus tem o direito de exigir que os dons que nos confiou sejam repartidos na maneira que Ele julga melhor, ou seja, para os objetivos caridosos aos quais ele desperta nossa atenção.

Também segue, visto que os coríntios e todos os cristãos são capazes de abundar em toda boa obra: Sendo em tudo enriquecidos para toda a generosidade, que por nosso intermédio opera agradecimentos a Deus. Os cristãos se tornam ricos, não em proporção ao dinheiro que economizaram e guardaram, mas na medida de sua caridade mostrada a outrem, não sendo ricos em entesouramento, mas ricos em benevolência, em liberalidade – este é o modo de Deus para avaliar valores. Ademais, somente assim o desempenho benevolente dos cristãos

redunda para a glória de Deus, visto que por causa dele subirá a Deus o agradecimento de muitos num hino de gratidão. Sincera benevolência, ao lado de perfeita singeleza ou integridade de coração, nada conhece de interesses egoístas ou penosos pressentimentos, mas se manifesta num suprimento franco e amplo das necessidades de outros, produzindo, deste modo, neles um espírito de agradecimento a Deus.

O dar liberal traz as bênçãos dos beneficiários: *V. 12) Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus, 13) visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade com que contribuísteis para eles e para todos, 14) enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. 15) Graças a Deus pelo seu dom inefável!* Aqui Paulo acrescenta um último motivo para a cordial contribuição deles, a saber, o dos benefícios materiais e morais que os irmãos de Jerusalém tirariam disso. A palavra que o apóstolo emprega para a assistência é a que, diferentemente, é empregada para as formas do culto cristão. Os coríntios, participando nesta coleta, segundo a maneira por ele descrita, de fato, seriam ativos no culto público de Deus, em sua ministração à comunidade cristã de Jerusalém. Não só estariam suprindo ou preenchendo as necessidades dos santos, dando-lhes o que precisavam para seu sustento, mas sua assistência também iria abundar em muitos agradecimentos a Deus. Os pobres de Jerusalém teriam razões para um agradecimento duplo a Deus, ou seja, pela ajuda material que receberiam, e pelo espírito que desta forma seria manifestado pelos irmãos distantes. Este último aspecto é enfatizado pelo apóstolo: Visto que como glorificam a Deus pela prova fornecida por esta mediação da submissão que flui de vossa confissão ao evangelho de Cristo. O recebimento deste auxílio tão bem-vindo dos irmãos distantes necessariamente convenceria os cristãos de Jerusalém do fato de que os primeiros, realmente, se haviam tornado obedientes ao evangelho, que sua fé em Jesus Cristo operava neles os verdadeiros frutos do amor, sendo um fato do qual seu ato de caridade foi uma confissão. Foi uma real submissão ao evangelho que os membros das congregações da Ásia, da Macedônia e da Acaia professaram pelo seu ato de caridade, pela liberalidade de sua contribuição para os pobres de Jerusalém e para os demais; ela mostrou as provas duma verdadeira comunhão de fé e de interesses espirituais, que agiu de um modo tão esplêndido, em qualquer lugar onde ficou conhecida a necessidade por ajuda. Em outras palavras: Aqueles que recebem uma prova como a dá este auxílio, darão glória a Deus por vossa submissão à confissão que fizestes com respeito ao evangelho de Cristo, e pela comunhão universal com eles e com todos os cristãos que vossa sincera liberalidade ostenta.

Paulo também não se esquece do fato que o sentimento de comunhão seria fortalecido pela apresentação desta coleta: Enquanto que eles, por sua vez, com orações por vós, isto é, a vosso favor, anelam por vós por causa da extraordinária graça de Deus sobre vós. A gratidão dos cristãos de Jerusalém os moveria para pedir as bênçãos de Deus sobre estes amigos em terras distantes, de cujo amor tinham uma prova tão abundante ante si. E, incidentalmente, iriam sentir um afeto intensificado, por causa esta prova de amor, por aqueles benfeitores em que a rica operação da graça de Deus apresentara efeitos tão extraordinários. É sempre assim: Quando cristãos enviam os dons voluntários de seu amor para o alívio das misérias e das preocupações de companheiros cristãos distantes, então os últimos serão unidos mais estreitamente em espírito com eles, do que o haviam sido anteriormente, sendo que o afeto mútuo será fortalecido e a prece mútua se tornará mais fervente. Continentes e oceanos podem separar os cristãos, mas a percepção da mesma fé, do mesmo amor, tal como evidenciada por alguma prova de comunhão, unirá mais intimamente seus corações do que acontece por meio dos mais estreitos laços terrenos.

Quando Paulo contempla este efeito maravilhoso da graça divina na congregação de Corinto, surge do fundo de sua alma uma explosão de santa gratidão: Graças a Deus pelo seu dom inefável! Se não tivesse sido efetuado pelo evangelho de Jesus Cristo e Sua redenção, e um efeito como este não teria sido possível nesta congregação, a qual, poucos anos antes,

nem mesmo havia ouvido a respeito dos cristãos pobres da Judéia. Mas o maravilhoso dom do próprio Cristo, Jo. 3. 16; Is. 9. 6, e da salvação Nele haviam operado esta transformação nos corações dos cristãos de Corinto, haviam operado esta grato apreço que trouxe tão ricos frutos em suas vidas, e que os tornou tão dispostos para dar provas de sua fé por meio dos dons de suas mãos. O mesmo poder opera hoje na igreja cristã e sempre devia ser devidamente reconhecido em venerável gratidão.

**Resumo:** Paulo lembra os coríntios de sua boa vontade para contribuir com sua parte na coleta, que agira como um estímulo a outros. Ele os exorta para terem pronta sua contribuição no tempo de sua chegada a Corinto. Ele os lembra do fato que o dar liberal é abençoado, e evoca a bênção dos que o recebem.

## Capítulo 10

### A Autoridade Apostólica De Paulo. 2. Co. 10. 1-18.

Paulo não se preocupa para usar com severidade sua autoridade: *V. 1) E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente ousado para convosco, 2) sim, eu vos rogo que não tenha de ser ousado, quando presente, servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar alguns que nos julgam como se andássemos em disposições de mundano proceder. 3) Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. 4) Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anunciando sofismas 5) e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo; 6) e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão.* Enquanto Tito trouxera de Corinto notícias encorajadoras com respeito ao caso de disciplina eclesiástica e a contínua disposição dos cristãos de Corinto para participar na coleta pelos pobres de Jerusalém, seu relato foi menos favorável no que dizia respeito aos mestres judaizantes, os adversários de Paulo, que ainda eram perigosamente ativos. Por isso notamos que o tom do discurso do apóstolo está claramente mudado nesta última parte de sua carta. Enquanto ainda está aparente sua devoção pela congregação de Corinto, ele se sente compelido a recorrer a ordens firmes, em que não faltam a ironia e o sarcasmo. Enquanto ainda mostra a inclinação de lidar ternamente com os membros da congregação, está determinado a usar toda severidade contra aqueles que atacaram sua autoridade.

É um apelo premente que Paulo dirige aos coríntios: Eu mesmo, Paulo, vos suplico, pela humildade e mansidão de Cristo. Ele coloca sua pessoa na dianteira, e o faz deliberadamente. Faz que a autoridade que recebeu o assunto pelo qual luta. Por isso abandona o plural, em que comumente incluiu também seus cooperadores, e se coloca a si mesmo, isoladamente, em oposição a estes falsos mestres. Ainda roga ou suplica, ainda que tivesse tido o direito de dar ordens. Ele procede assim pela mansidão, ou a humildade, e pela gentileza, ou clemência, de Cristo. O espírito de Cristo, que sempre foi benigno e gentil, tardio para se irar e desejo para perdoar, vivia no apóstolo e nele atuava nesta situação difícil. Ele inclui, com alguma tintura de sarcasmo, a afirmação que os opositores havia espalhado a seu respeito: Que, de fato, quando perante vós sou humilde em vosso meio, mas, estando ausente, sou destemido a vosso respeito. Esta foi a conversa zombeteira à qual os coríntios haviam dado ouvido, visto que seus inimigos pessoais haviam interpretado a fraqueza com a qual viera a Corinto como sendo covardia, como falta de confiança e de coragem, v. 10.

Desta forma Paulo repete seu apelo: Rogo-vos, porém, para que, quando presente, não mostre atrevida coragem com a confiança com que estou pensando a ser ousado contra alguns que de nós pensam como se andássemos conforme a carne. Quando usa a palavra “rogo” ou “rezo”, o apóstolo indica, neste ponto, para sua crescente seriedade. Pleiteia com eles a

considerarem bem sua linha de pensamento e de ação. Pois, caso continuarem a escutar aos que difamam seu bom nome, nada mais lhe sobrarão do que mostrar coragem e seriedade na condução da situação, com base na confiança que parece ser exigida nestas circunstâncias. Sentir-se-á forçado a ser resoluto, a avançar de modo atrevido contra certas pessoas no meio deles. Ele caracteriza estas pessoas como caluniadores, visto que insinuaram, ao expressar sua opinião sobre Paulo e os demais mestres sinceros, que o comportamento e a linha de conduta de Paulo não foi regida tão somente por considerações espirituais, mas que fraqueza, temor ante pessoas, o desejo de permanecer nas boas graças de todas as pessoas e outros motivos carnis formam os fatores dominantes.

A resposta de Paulo a estas insinuações é breve, mas enfática: Pois mesmo andando na carne, ainda assim não guerreamos conforme a carne. Paulo, de fato, vivia aqui na terra, ou seja, no corpo de sua carne fraca, com todas as fraquezas pecaminosas com as quais este instrumento está obrigado a guerrear constantemente. Mas, como apóstolo, sua conduta não é conforme os ditames da natureza fraca e pecaminosa. E, além disso, ainda que ele realmente se engaje numa guerra, sendo que todo seu ministério em seus muitos conflitos com os vários poderes hostis é uma batalha contra o mal, ele, ainda assim, não é governado por considerações carnis, como insinuem seus inimigos, os quais estavam sendo animados por elas. Ao contrário a situação é esta: Pois as armas de nosso guerrear não são carnis, mas poderosas por meio de Deus para arrasar fortificações. Isto é acrescentado como um parêntesis, para explicar o fato de fazer guerra. Na guerra espiritual que precisa ser conduzida pela igreja de Cristo e por cada cristão, não só está excluído o verdadeiro poder físico e político, mas incidentalmente cada arma que confia em simples capacidade, intelecto e poder humanos, tal como é acionada por qualquer motivo carnal, como o amor à honra, à riquezas, à influência e mais outros. A igreja de Cristo e o pregador individual jamais apelarão a tais armas. Elas não pertencem ao armamento dos soldados de Cristo. Os nossos instrumentos de combate são, ao contrário, aquelas que recebem de Deus seu poder extraordinário, por meio de Sua força todo-poderosa, Ef. 6. 11-18. Com estas armas, sendo entre elas a palavra de Deus a que está em primeiro lugar, todas as fortificações e baluartes dos adversários, em especial aquelas que se destinam para obstruir o progresso da causa de Deus e a obra da salvação, são vencidas e destruídas completamente, como sejam, a idolatria pagã, a presunção e hipocrisia farisaica, o orgulho grego do saber, as muitas heresias de Roma, e a hoste de inimigos modernos da verdade da Bíblia.

Agora o apóstolo continua o pensamento do v. 3: Desencorajando argumentações e cada muro altivo erguido contra o conhecimento de Deus, e conduzindo cativo todo pensamento à obediência de Cristo. As argumentações do saber humano são o verdadeiro núcleo da força do inimigo, porque se opõem invariavelmente à revelada palavra de Deus. O evangelho não é algum código de doutrinas que foi desenvolvido pela razão. Mesmo que não seja um sistema absurdo, está acima e além da capacidade da razão humana. Por isso precisam descartadas todas as filosofias racionais, se a palavra do evangelho deve encontrar entrada no coração. Da mesma forma, também, cada elevação, cada especulação humana, que é erguida contra o conhecimento de Deus, assim como foi revelada nas Escrituras, precisa ser derrubada e removida. Da parede do inimigo precisa ser derrubada uma pedra após a outra, não importando quão arduamente lute para manter seu fundamento. A figura militar de destruir fortalezas proeminentes ou baluartes, ou seja, arrasar os muros de cidades hostis, também é continuado nas palavras: E levando cativo, sujeitado, cada pensamento sob a obediência de Cristo. Em vez de permitir que a razão usurpe a autoridade e seja dono da palavra de Deus, o intelecto, ou a razão da pessoa, em tudo precisa ser guiada pela palavra revelada do Senhor. Isto acontece somente quando a razão humana, pelo poder do Espírito que está na Palavra, é tornada submissa à obediência de Cristo e em tudo se submete à verdade revelada, que ela, de fato, pode aplicar suas forças, principalmente na dedicação direta ou indireta a Cristo. A razão, iluminada pelo conhecimento de Deus, não tenta penetrar nos segredos da essência de

Deus, encontrando, antes, seu deleite na exposição das belezas e dos poderes do evangelho e da revelação de Deus em todas as suas particularidades.

Esta exigência, que todos deviam estar submissos à pregação apostólica, o apóstolo seguiu até ao ponto em que ele se sentiu pronto para desagrar qualquer desobediência quando a obediência dos coríntios fosse completa. Nem todos os membros da congregação de Corinto foram obedientes ao evangelho assim como Paulo quis que fossem. Pois o poder do evangelho não é o duma compulsão irresistível. Mas, caso houvesse quem persistisse em sua desobediência, Paulo, aqui, se declarou pronto a usar a medida extrema da excomunhão como desagravo da desobediência. Ele espera que toda a congregação complete sua obediência a Cristo, de estar estabelecida de modo firme e completamente em sua lealdade ao Senhor. Fosse ainda encontrados alguns que resistissem quando ele viesse, seu castigo certamente seguiria no modo que a igreja sempre empregou quando tratou com aqueles que se recusaram a obedecer pela fé ao evangelho.

A autoridade de Paulo é poderosa: *V. 7) Observai o que está evidente. Se alguém confia em si que é de Cristo pense outra vez consigo mesmo, que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos. 8) Porque, se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade, a qual o Senhor nos conferiu para edificação, e não para destruição vossa, não me envergonharei, 9) para que não pareça ser meu intuito intimidar-vos por meio de cartas. 10) As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível. 11) Considere o tal isto: que o que somos na palavra por cartas, estando ausentes, tal seremos em atos, quando presentes.* Com este pensamento, que castigará devidamente qualquer desobediência à sua pregação apostólica, Paulo retorna ao pensamento do v. 1, visto que seus caluniadores haviam explicado sua clemência como uma covardia. Por isso ele se dirige àqueles que deram ouvido aos caluniadores: Considerais as coisas que tendes ante os olhos? Eles prestavam atenção e julgavam por aparências exteriores, causando-lhe com isto grande mal. Pois não é alguma presença dominadora e a capacidade de se insinuar nas boas graças do povo que determinam o valor do apóstolo, mas sim, o fato da autoridade obtida de Cristo. Se na congregação de Corinto houve alguns desses, então Paulo quis que soubessem que se alguém teve a certeza, a confiança, que pertencia a Cristo, fosse conforme sua pessoa ou em seu ofício, então devia considerar mais uma vez o fato do qual foi antes informado, devendo deduzir por si mesmo, que Paulo e seus mestres companheiros eram, tão definida e certamente, discípulos e mestres de Cristo. Deviam conceder-lhe ao menos tanto (com mais outra investida sarcástica), que lhe seja dado um lugar ao lado deles na igreja de Cristo. Foi uma maneira muito eficiente para afirmar sua autoridade apostólica.

Ele expressa isto, de modo tão gentil e eficaz na próxima sentença: Pois se realmente me gloriasse de alguma maneira mais copiosa de nossa autoridade, que o Senhor nos deu para edificação e não para vossa destruição, então não serei envergonhado, para que não pareça como se vos quisesse apavorar com minhas cartas. Caso seus oponentes chegassem a lhe negar a condição de ficar ao lado dos cristãos de Corinto como um discípulo irmão, então este fato poderia levá-lo a fazer aquilo com que não se preocupava, a saber, de orgulhar-se. Mas, se fosse impelido a este ponto, quando, muito a seu contragosto, precisasse destacar a si mesmo, ou seja, precisasse insistir sobre sua autoridade, a qual, como lembra seus leitores, tem o objetivo de servir para sua edificação na fé e no conhecimento e não para abatê-los, então estaria totalmente justificado em suas ousadas palavras. Pois, ao escrever num tom tão severo, seu propósito não é aterrorizar ou intimidá-los, mas para edificá-los. Mesmo se fosse preciso aplicar o poder de ligar, seu propósito seria a salvação de almas, não a destruição e a dispersão da congregação. Ele, ao contrário, esteve disposto a suportar o rumor de que era um covarde, do que aplicar de modo injustificado a autoridade que lhe foi conferida pelo Senhor.

Mas a autoridade, apesar de tudo, era sua, como ele o afirma com referência aos relatos que estavam sendo espalhados por seus inimigos, que disseram que suas cartas foram pesadas

e autoritárias, que em suas cartas empregava expressões e fazia ameaças que eram proeminentes, impressionantes e violentas. Mas aconselhavam o povo a não se intimidar, porque sua presença física era fraca e sua fala desprezível. Insinuavam que sua presença física não era recomendável, que lhe faltava poder, assim como suas instruções orais haviam sido recebidas com desprezo. Ainda que Paulo foi um orador capaz e eficiente, parece que sua grande humildade em Corinto não permitira que estes fatos aparecessem de modo apropriado, e o efeito foi aos olhos de seus inimigos ele pareceu nada mais do que um ridículo. Mas a resposta de Paulo ao povo a respeito de seu caráter é: Que tal pessoa avalie que, assim como somos em palavra por meio de cartas quando ausentes, assim também somos de fato quando presentes. Seria-lhe algo fácil deixar de lado sua benevolente brandura e vir, tanto na aparência como na fala, como o apóstolo do Senhor, revestido com uma autoridade cujo poder logo sentiriam. Mostraria-lhes a perfeita harmonia entre suas ameaças e a execução de suas palavras; seria descoberto que sua influência pessoal era tão importante e vigorosa como a que mostrara em seus escritos.

Paulo apela para o trabalho que, como apóstolo, realmente fez: *V. 12) Porque não ousamos classificar-nos, ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos, e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez. 13) Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. 14) Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo; 15) não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios, e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da vossa esfera de ação, 16) a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio. 17) Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18) Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e, sim, aquele a quem o Senhor louva.* O aspecto destacado do ministério de Paulo foi que, diferente a seus arrogantes oponentes, se limitara ao trabalho do qual fora encarregado e não se metera nos assuntos de outros. Escreve com uma fina demonstração de ironia: pois não nos aventuramos em assumir a mesma dignidade, de enumerar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos. Simplesmente não tem a coragem para se classificar com as pessoas que são tão convencidas e satisfeitas consigo mesmas; sua timidez não lhe permitia colocar-se na mesma linha, no mesmo nível. Imediatamente, porém, destaca a tolice da posição de seus inimigos: Mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, não são sábios. A fraqueza da posição deles está evidente no fato que não têm qualquer padrão pelo qual, de modo adequado, possam medir suas realizações, não conhecem qualquer outra medida do que sua opinião pessoal, e por isso sua presumida auto-satisfação é obrigada a chegar a um juízo falso. Por isso Paulo os deixa em sua tola auto-adulação. Desde o princípio parece perdido qualquer esforço em favor deles.

Em claro contraste diz de si mesmo: Nós, porém, não nos envaidecemos além da medida ou sem a aplicação dum padrão correto, mas conforme a medida da norma que Deus nos partilhou como medida, para alcançar até mesmo a vós. Diferente de seus oponentes, que não tinham qualquer padrão e critério para os guiar, se não só sua auto-satisfação que impedia que alcançassem um juízo correto das coisas, Paulo teve uma norma e esfera de atividade definidas, pelas quais e em que ele podia avaliar sua performance no ministério. Tinha uma esfera de influência, uma obrigação oficial, que lhe fora designada por Deus. Fora-lhe partilhado um certo território em que trabalhar, e pelo trabalho realizado nesta esfera não olhou por um louvor que se baseava sobre uma excelência imaginária, mas um que foi concedido conforme o padrão estabelecido pelo Senhor. Assim aconteceu, pelo arranjo de Deus, que a medida de Paulo se estendeu até a Corinto, que naquele tempo foi o limite extremo da pregação de Paulo. Desta forma não estava edificando sobre o fundamento de algum outro homem, Rm. 15. 20, não esperava louvor por um trabalho que ele mesmo não

realizou. 1. Co. 3. 30. E no que dizia respeito a Corinto, o próprio Senhor, de modo muito especial, o confirmara para o trabalho do ministério nessa cidade, At. 18. 9, 10.

Este pensamento é desenvolvido nos versículos seguintes em mais detalhes: Pois não ultrapassamos a nossa medida, como se não chegássemos até vós. Paulo, quando chegou a Corinto e fez nesta cidade sua obra missionária, não se aventurou sobre direitos e se arrogou um campo que não lhe pertenceu. Isto teria tornado vão e vergonhoso o seu orgulhar-se, a saber, se o Senhor não lhe dera este campo para nele trabalhar. Mas, do modo como as coisas realmente estavam, Paulo chegou com o evangelho de Cristo até os coríntios, e chegou como o primeiro missionário que trabalhou em seu meio, sendo o evangelho de Cristo o elemento em que ele se movia e a mensagem que ele tinha o prazer de proclamar. Desta forma Paulo esteve correto quando manteve que não se orgulhou além da medida, isto é, nos esforços de outras pessoas, que foi uma possibilidade que sempre evitou com o maior cuidado, Rm. 15. 20. Em vista disto também teve a esperança, que, quando a fé deles tivesse crescido, ou na medida em que a fé deles crescia, seria ele neles magnificado, isto é, que lhe seria dado crédito apropriado pelo trabalho que realizara pelo Senhor no meio deles. E não só isto, mas também queria ser assistido pelas congregações deles que cresciam, com seu crescimento na fé e no amor, para alcançar resultados ulteriores e mais importantes. Tendo o auxílio da fé crescente deles e o correspondente aumento de seu próprio poder para realizar suas tarefas, então seria capaz de forçar e alargar a esfera de suas atividades, para pregar o evangelho em regiões ainda mas distantes, onde ainda não era conhecido, no oeste da Grécia, na Itália e na Espanha. Por isso, nunca em tempo algum queria orgulhar-se de coisas que um outro preparou para suas mãos, não tendo ele qualquer intenção para se apropriar dos resultados dos esforços de outrem, como seus oponentes o haviam feito, arrogando-se desta forma uma reputação imerecida de grandeza. Esta afirmação também tirou toda a glória de seus inimigos, como se tivessem sido indispensáveis em Corinto, pois a congregação esteve no cuidado apostólico de Paulo e estava sendo feita sem a falta de qualquer dom da graça.

Paulo, em conclusão, lembra os coríntios do dito profético: Mas aquele que se gloria, que se glorie no Senhor, Jr. 9. 24. Esta é a regra comum na igreja. pode haver tempos e circunstâncias quando o gloriar-se se torna uma necessidade, mas nunca devia ocorrer que de modo indevido seja ressaltada a pessoa daquele que se gloria. Só a Deus pertence toda glória e sempre deve ser dada a Ele. Pois não é aprovado aquele que se elogia a si mesmo, mas aqueles que o Senhor elogia. Qualquer cristão que ostenta a si mesmo e o que ele conseguiu na igreja; qualquer pregador que proclama a si mesmo e não o Senhor Jesus Cristo, descobrirá que é censurado em vez de ser louvado. Tão somente aquele que recebeu o testemunho do Senhor, como a recebe um ministro fiel, como aconteceu com Paulo, cap. 3. 1-3, pode sentir que teve as credenciais corretas do Senhor. “Deus louva e elogia somente aqueles que rejeitam qualquer elogio que se lhes dá, e o dirigem para Deus, que não querem que o povo olhe o trabalho deles, mas querem nada mais do que isto, que seu Pai celeste, cujo nome amam, seja louvado. Por este motivo Deus, em retorno, os louva e honra.”<sup>4)</sup>

**Resumo:** Paulo roga e suplica aos coríntios que não forcem ao uso da severidade, visto que sua autoridade apostólica é real e poderosa e sua missão lhe foi confiada pelo Senhor.

## Capítulo 11

### O Verdadeiro Apóstolo E Os Falsos Mestres. 2. Co. 11. 1-15.

Paulo censura o espírito que dá ouvidos a ensino falso: *V. 1) Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha loucura. Suportai-me, pois. 2) Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo. 3) Mas receio que assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia,*

---

<sup>4)</sup> 31) Lutero, 4. 510.

*assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo. 4) Se, na verdade, vindo alguém prega outro Cristo que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esses de boa mente o tolerais.* O apóstolo condenara o falso orgulhar dos oponentes que haviam chegado a Corinto e ameaçavam prejudicar o efeito de seu trabalho. Agora, continuando no mesmo tópico e mais ou menos no mesmo estilo, dirige uma repreensão aos coríntios, que é apresentada com grande habilidade: Desejo que comigo carregásseis um pouco em alguma loucura, sim, carregar comigo! Em seu empenho em destruir a influência que atuava contra os seus desejos, e solapar a obra destes falsos mestres, que o desmereciam, Paulo com apaixonada seriedade enfatiza sua autoridade apostólica, enquanto aparentemente a considerava de modo leviano. A alguns deles pode parecer bobagem o que está para discutir, e seu apelo pode parecer-lhes qual zombaria, mas é, na verdade, uma defesa de sua posição a qual é dele exigida pela sacralidade da obrigação que pesa sobre ele. Para defender seu ministério, na verdade lhe seria necessário falar muito de si mesmo, de seus sofrimentos, de seu sucesso, mas isto não foi ostentação, como alguns podiam supor, foi, antes, neste caso, uma necessidade muito urgente.

Isto é apresentado exatamente pelas palavras seguintes: Pois sou zeloso a vosso respeito, tendo um zelo piedoso, pois vos noivei com um só esposo para vos apresentar a Cristo como uma virgem pura; eu temo que, de alguma maneira, como a serpente com sua astúcia enganou Eva, vossas mentes possam ser desviadas da simplicidade a Cristo. Aqui Paulo não se refere ao ciúme do esposo, mas ao zelo oficial do paraninfo, ou do padrinho de casamento, o qual, entre os judeus como também entre os gregos, dispunha o noivado e tornava em ponto de honra ver que as virgens eram corretamente instruídas e preparadas para a vida no casamento, o qual, acima de tudo, zelava pelo fato que a castidade delas fosse imaculada. Por isso Paulo insinua que o atual estado de coisas em Corinto lançava dúvidas sobre sua honra, como se não tivesse bem seu trabalho, como se não tivesse sido zeloso. Também subentende que ressentido a interferência de rivais que se preocupavam com assuntos que não pertenciam à atividade deles. Com santo zelo ele foi cioso, foi aflito em defesa de Deus. Pois, como parte de suas obrigações oficiais havia contratado casamento ou esposado os cristãos de Corinto, como uma congregação cristã e como uma parte da igreja de Cristo, ao Senhor deles, sendo sua intenção e efeito apresentar por meio desse ato a Cristo uma virgem pura e casta, que não tivesse sido maculada por qualquer doutrina falsa ou por infidelidade no viver. Lutero diz disso: “Com isto ele mostra que o apostolado é nada outro do que o ofício dum cortejador ou dum ou pajem que diariamente prepara e conduz a noiva de Cristo a Ele.”

Paulo, porém, expressa um profundo desapontamento e temor, a saber, que a pureza e virgindade imaculada, da qual tanto se orgulhou, podem ter sido corrompidas pela ação dos falsos mestres, que suas mentes podem ter sido desviadas da simplicidade e sinceridade para com Cristo, assim como a serpente enganou completamente Eva por meio de suas muitas artes, Gn. 3. Assim como no jardim do Éden, Satanás, o tentador da humanidade, está constantemente ativo, enganando e seduzindo à crença falsa, desespero e outra grande vergonha e vício. Paulo temeu que isto tivesse acontecido em Corinto, pois pareceu que os membros dessa congregação se houvessem mostrado muito dispostos para escutar a ensinamentos falsos; que suas mentes já não estavam mais dirigidas para Cristo em singeleza de coração, mas, ao contrário, estivessem dando atenção à voz do tentador. Paulo, em resumo, quer dizer: “Mas uma coisa me preocupa e me leva a ter cuidados, sim, estou cioso e zeloso a vosso respeito (mas com zelo santo, não de raiva ou de ódio), que não vos entregue a ninguém outro; pois a nada temo tanto como o fato que o diabo vos corteja para longe de Cristo. Exatamente como aconteceu para Eva no paraíso, que também foi uma noiva linda, adornada com muitos ornamentos, tanto de adorno externo como espiritual, divino, sendo obediente e sujeita a Deus. Mas o diabo a encantou e a levou a pecar, assim que ela desertou de Deus e seguiu o adúltero e levou a nós todos consigo ao prejuízo em que estamos afundados. Desta forma, diz ele, estou aflito a vosso respeito, que novamente fostes conduzidos a Cristo e vos

tornastes Sua noiva. Pois o perigo é imenso, visto que o diabo ataca incessantemente a cristandade, e visto que somos fracos, e vós com toda atenção precisais ter o cuidado e estar de alerta, para que, pela astúcia e a esperteza de Satanás, não sejais desviados da Palavra e da obediência a Cristo, nosso Senhor, que vos amou e se deu a Si mesmo por vós.<sup>5)</sup>)

O apóstolo comprova suas dúvidas: Pois, na verdade, quando aquele que vem pregasse um outro Jesus o qual nós não temos pregado, ou vós recebêsseis um outro espírito que não recebestes, ou um evangelho diferente que não recebestes, sois muito indulgentes com ele! Instabilidade e curiosidade ingênua parecem ser as características de congregações recém fundadas, visto que ainda carecem do sólido fundamento doutrinário, que é tão necessário para permanecer firme contra toda espécie de tentações e perseguições. Quando vem alguém, sem importar quem seja, e nem se tem ou não um chamado ou uma autorização, os coríntios demonstravam tolerância e disposição para escutar a quem, evidentemente, se afinava excelentemente com a presumida sabedoria deles, como ironicamente observa o apóstolo. Pois aqui estavam presentes os falsos mestres, afavelmente insistindo que, realmente, proclamavam o Cristo todo e perfeito, que sua compreensão de Jesus era muito mais abrangente do que a de Paulo. Mas este último arranca a máscara de seu rosto e declara que o Cristo que proclamaram não foi o Cristo do evangelho, mas um outro Cristo, uma invenção de sua imaginação, pois Cristo não foi um novo legislador. Da mesma forma os falsos mestres também alegavam que concediam o Espírito de modo adequado e na medida exata, assim como convinha à cidade de Corinto com suas tradições de cultura e saber. Paulo, porém, chama isto um espírito diferente, ou seja, um que nada tem em comum com o verdadeiro Espírito de santificação concedido através da pura pregação do evangelho. Os falsos mestres orgulhosamente haviam se apresentado como os verdadeiros pregadores da mensagem da salvação. Paulo, porém, declara ser a proclamação deles um evangelho diferente, ou seja, um evangelho que nada tem em comum com a mensagem da redenção através do sangue de Cristo. Cf. Gl. 1. 6-9. Nota: A descrição dos falsos mestres, tal como feita aqui, é um modo muito extraordinário que serve para aqueles mestres de nossos dias que se erguem na igreja e tranquilamente proclamam um novo Cristo, um espírito diferente, e um evangelho social. Mas, que horror! Encontram muitos cuja fácil aceitação de novidade os leva a suportar com agrado as frases tão brilhantes.

Paulo não é inferior aos “grandes apóstolos”: *V. 5) Porque suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos. 6) E, embora seja falto no falar, não o sou no conhecimento; mas em tudo e por todos os modos vos temos feito conhecer isto. 7) Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fosseis vós exaltados, visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus? 8) Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir, 9) e, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava; e em tudo me guardei, e me guardarei, de vos ser pesado.* Aqui o apóstolo continua e retoma os motivos por que sua autoridade apostólica estava sendo questionada pelos falsos mestres, a saber, de que ele não era um orador versado, e que não havia exigido sustento da congregação de Corinto. Em mordaz sarcasmo ele escreve: Penso que nem mesmo numa só partícula esteja abaixo do mais superior, ou seja, destes mais excelentes apóstolos. Os falsos mestres não só alegavam dignidade apostólica, mas ligavam uma importância absurda às suas pessoas e aos seus direitos. Paulo, quanto mais avalia o assunto, declara com outra investida irônica que tanto mais está convicto que sua autoridade apostólica esteve inteiramente no nível que foi reclamado por estes falsos mestres.

Retomando, agora, a primeira acusação, a saber, que na fala era rude, grosseiro, mal-educado, e não eloqüente, que lhe faltava a educação profissional, ele o admite; é verdade, ele fala em frases claras e sem enfeite, não se empenha por uma elegância polida na expressão, que apela mais pelo som do que por seu conteúdo. Mantém, porém, que em seu

---

<sup>5)</sup> 32) Lutero, 12. 2029, 24s.

conhecimento e entendimento das coisas divinas, ou seja, das sãs verdades do evangelho, não é rude nem indouto. Para dizer a verdade, Paulo foi um orador vigoroso, At. 19. 12; 22. 1; 24. 10; 26.2, mas, a propósito, evitou os métodos brilhantes dos oradores profissionais. E este seu método se mostrou eficiente, como está provado pelo fato que, no que dizia respeito aos coríntios, em tudo tornou manifestos o conhecimento de Deus e as coisas espirituais entre todas as pessoas, ou, por uma construção um pouco diferente: Tanto ele como seus colaboradores estiveram em toda parte tornando conhecida a verdade de Deus.

No que dizia respeito à segunda acusação, Paulo pergunta: Ou cometi algum pecado quando me humilhei para que vós fosseis exaltados, porque sem qualquer encargo vos preguei o evangelho de Deus? Consideram-no eles um mal tão grande que ele renunciou do seu direito de sustento, que se humilhou em seu meio, sustentando-se com suas próprias mãos, enquanto ao mesmo tempo os exaltava em favores espirituais confiando-lhes a gloriosa mensagem da salvação? Acaso insistirão em considerar como falta que, no tempo em que trabalhou entre eles, não lhes cobrou nada para se manter? Humilhou ele o ofício apostólico quando se rebaixou a um trabalho servil para se sustentar? Estarão querendo se queixar porque foram tratados com uma bondade tão excepcional? Certamente não iriam pensar para ser tão tolos! Notamos que na expressão “visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus” há um claro contraste entre o que é de graça e o que tem o preço e o valor mais elevado.

Paulo afirma honestamente: Outras congregações eu despojei, aceitando deles salário, para que pudesse vosso ministro. A propósito emprega o termo “despojar” ou “assaltar” para despertar vergonha em seus corações. De outras congregações aceitou paga por trabalhos realizados para seu sustento, e enquanto isto estava prestando assistência aos coríntios. Outros cristãos contribuíram para seu sustento, para que os cristãos de Corinto pudessem progredir no bem-estar espiritual. Quão humilhante para eles! E Paulo também explica: E estando convosco e sofrendo necessidade, não foi peso para ninguém. Não lhes chamou atenção para suas preocupações financeiras, para o seu sustento não se apoiou a ninguém de Corinto. Pois os irmãos que vieram da Macedônia supriram sua falta, sendo estes, provavelmente, Silas e Timóteo, At. 18. 5; Fp. 4. 15. Conseqüentemente em tudo se conservou longe de ser pesado para os cristãos de Corinto, e tinha a intenção de continuar assim, como mostra no parágrafo seguinte. Aqui seu argumento é: Se foi certo que ele, quando na rica Acaia, deu provas de seu altruísmo, mesmo que isto redundasse para a vergonha de seus oponentes, então o fato que aceitou ajuda dos cristãos da Macedônia não podia estar errado, visto que estes últimos trouxeram com isto um sacrifício disposto e cordial para a glória e o louvor do evangelho.

Paulo insiste sobre a observância desta rota por causa dos falsos mestres: *V. 10) A verdade de Cristo está em mim; por isso não me será tirada esta glória nas regiões da Acaia. 11) Por que razão? É porque não vos amo? Deus o sabe. 12) Mas o que faço, e farei, é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam. 13) Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. 14) E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo da luz. 15) Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.* Não algum mero capricho dum gênio errático que levou Paulo a agir desta forma no caso de Corinto, como ele próprio o expressa agora. Antes de tudo, ele afirma, com a maior ênfase, que tinha o desejo de continuar sua rota assim como a iniciara, penhorando, em oposição a toda falsidade e hipocrisia, a verdade de Cristo a qual habitava nele, como uma segurança de sua afirmação que, no que dizia respeito às regiões da Acaia, seu louvor particular não devia ser obstaculizado ou suprimido; ninguém devia jamais ter o sucesso de calar sua boca, mudando a firmeza desta decisão. E para que ninguém da congregação de Corinto pudesse pensar que houvesse um motivo pessoal nesta determinação, sendo dirigida aos membros como tais, ele se apressa para acrescentar: Por que? Porque não vos amo? Deus o sabe! Ele

invoca a Deus por testemunha do fato que sua resolução para não receber nada deles não originou de alguma ausência de amor a eles. Seu afeto pelos membros da congregação como tal permaneceu inalterada; não havia qualquer preocupação sobre isto.

Agora o apóstolo dá o motivo de sua decisão: Mas o que faço, isso farei para interceptar a ocasião daqueles que desejam uma ocasião, para que no seu gloriar-se sejam iguais a nós. Paulo esteve firmemente determinado para continuar seu curso de não aceitar ajuda financeira da congregação de Corinto, porque quis afastar qualquer motivo válido da parte dos oponentes para continuarem sua corrida de deturpações maliciosas. Sem qualquer razão, gloriavam-se de seu próprio altruísmo e desinteresse, e por isso Paulo, por um curso de total desinteresse, esteve determinado a não só interromper qualquer ocasião que lhe atribuisse motivos mercenários, mas a compeli-los a assumir na prática uma posição semelhante. Que façam o que Paulo fazia, e haveria algum motivo para ouvir suas alegações. Que ao menos façam tanto antes de se proclamarem como os exemplos de superioridade e de excelência, como paradigmas de verdadeiros apóstolos e de trabalhadores exemplares!

Isto, certamente, esteve fora de questão para homens que só buscavam sua própria vantagem, e, por isso, Paulo os caracteriza em suas cores reais: Pois tais homens são apóstolos falsos, trabalhadores enganosos, que exteriormente se transformam, ou que assumem a aparência de, apóstolos de Cristo. Esta é sua posição correta, esta é seu verdadeiro caráter. Confessando serem apóstolos de Cristo, estavam mentindo; premendo sobre seu trabalho em favor do Senhor, estavam enganando; ainda que não passassem de vis hipócritas, assumiam a forma de mensageiros de Cristo. Como o expressa certo comentarista: “Disfarçavam-se, primeiro, quanto à doutrina, visto que retinham muitas palavras e nomes que pertenciam ao cristianismo, mas que só eram quais cascas vazias que envolviam algumas sementes que não pertenciam a elas; em segundo lugar, quanto à conduta, visto que exteriormente imitavam as obras que os apóstolos de Cristo carregavam, mas estavam destituídos desta benevolência que constituía a perfeição dos feitos dum cristão.”

O apóstolo acha isto totalmente natural: Nenhuma admiração! Pois o próprio Satanás assume a forma dum anjo da luz. Assim não é qualquer grande surpresa que seus servos assumem a forma de ministros da justiça; cujo fim será conforme as suas obras. O disfarce assumido pelos falsos profetas concorda totalmente com seu caráter. Satanás é um poder das trevas, Ef. 6. 12; At. 26. 18, mas por suas próprias razões, como acontece nas várias tentações, ele assume a forma e a aparência dum anjo puro e santo. Da mesma forma seus agentes, os falsos mestres, tendo aprendido simular-se assim como o faz seu senhor, aparecem no disfarce de mensageiros da justiça. Ofendem-se, com uma grande ostentação de justa indignação, com a idéia de serem impostores. Mas o destino de tais falsos apóstolos será o de seu senhor, Fp. 3. 19; Rm. 6. 21; 1. Pe. 4. 17. Sua assumida forma de santidade será tirada no juízo final, e sofrerão o castigo dos hipócritas de todos os tempos. Marquemos: O espírito de nossos tempos ilustra apropriadamente a habilidade de Satanás para se converter na forma dum anjo da luz, pois as próprias palavras que estão na boca de tantos reformadores de hoje – iluminação, progresso, liberdade, igualdade, cultura – são iscas usadas para envolver os incautos na incredulidade. Marquemos também a atitude descomprometida do apóstolo para com os falsos mestres, que completamente diferente da falsa caridade e do unionismo de nossa época que encontra sua ocasião para aceitar até o erro em favor duma união externa.

*O Orgulho De Paulo Sobre Seu Chamado Apostólico.* 2. Co. 11. 16-33.

Paulo deprecia a necessidade de se orgulhar: V. 16) *Outra vez digo, ninguém me considere insensato; todavia, se o pensais, recebei-me como insensato, para que também me glorie um pouco.* 17) *O que falo, não o falo segundo o Senhor, e, sim, como por loucura, nesta confiança de gloriar-me.* 18) *E posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei.* 19) *Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos.* 20)

*Tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem vos exalte, quem vos esbofeteie no rosto.* O apóstolo já caracterizou suficientemente a natureza dos falsos mestres e rejeitou suas alegações sob exame. Agora, à guisa de contraste, registra um testemunho de seus próprios labores e provações como apóstolo, mas não para glorificação pessoal, cf. cap. 10. 17, porém, como uma defesa necessária contra as acusações e as insinuações de seus inimigos. Ao fazê-lo, retorna ao pensamento do v. 01: Digo novamente, que ninguém pense que sou insensato e que seja falto de senso, mas, se isso não é possível, se vos recusais a dar ouvidos ao meu arrazoado, se persistis em considerar-me como alguém privado de sua memória correta, recebei-me, contudo, como um tolo. Ele deseja que a parte seguinte da carta seja considerada com toda seriedade, pois ele a planeja como sua defesa; mas se eles a considerarem como total disparate, que então, ao menos, lhe ofereçam a paciência geralmente concedida a um indivíduo insensato, que ouçam a suas palavras desconexas, como acham que são, para que ele também se possa gloriar um pouco. Temos aqui uma investida contra os falsos apóstolos, pois eles, como escravos do egoísmo, eram espertos demais para se submeter ao sofrimento humano, e preguiçosos e desajeitados demais para um vôo a um arrebatamento celeste.

Quase cada sentença mostra que o apóstolo está lutando com sua própria humildade e deficiência ao destacar tanto sua própria pessoa. Ele expressa isto já bem no começo: O que falo, não o falo segundo o Senhor, mas como que na loucura, na certeza de gloriar-me. O que arranjou em seus pensamentos, o que começou a expressar em palavras, é de tal natureza que antes não gostaria em alegar para isso inspiração do santo Deus, visto que está tão alheio ao seu próprio gosto. Mas o Espírito, ainda assim, o moveu a escrever de seus próprios labores, para confundir os falsos mestres. Quanto a ele, preferiria considerar como uma espécie de tolice esta confiança de gloriar-se, ainda que, fora de dúvida, seja uma confiança.

Ele escreve, em adicional justificação de seu esforço incomum para se gloriar: Visto que tantos se gloriam segundo a carne, eu também me gloriarei. No caso dos falsos mestres foi este o aspecto que tanto se destacou; tinham como prática jactanciar e orgulhar-se de suas experiências e de suas conquistas. Da parte deles isto fazia parte de sua natureza, da parte de Paulo exigiu um esforço especial. Eles cuidavam sempre que todos os louvores atingissem a eles mesmos; mas ele, ao contrário, louva seu ofício, seus esforços e sofrimentos, pelos quais foi realçada a glória do evangelho. Os coríntios estavam muito mais dispostos a desconsiderar sua insensatez, visto que ostentavam esta disposição atualmente: Pois disposto suportais a insensatez visto que vós mesmos sois sábios. As palavras são escritas em amor e bondade sinceros, e ainda assim com um pouco de zombaria e censura. Sem uma palavra de insatisfação suportavam que os falsos mestres se glóriassem ante eles e condenassem a pessoa e a obra de Paulo. Certamente, na riqueza de sua experiência e de seu saber, não se importariam, por isso, se também ele se gloriasse um pouco e por sua vez se juntasse às fileiras dos insensatos; não haveria dúvida que também a ele estenderiam a mesma indulgente tolerância.

Agora o apóstolo lembra os coríntios da insolência e dos maus tratos que dispostos suportaram nas mãos desses auto-indicados guias espirituais: Pois o suportais quando alguém vos torna seus servos (escravos), quando alguém vos devora, quando alguém vos leva cativos, quando alguém exalta a si mesmo, quando alguém vos bate na face. Enquanto Paulo humildemente afirmou que sô queria ser o servo da congregação do Senhor, cap. 4. 5, os falsos mestres deliberadamente assumiram o domínio na congregação; espiritualmente escravizaram as pessoas, fizeram com que se curvassem sob o jugo de sua doutrina falsa e de mandamentos humanos.<sup>6)</sup> Enquanto Paulo trabalhou com suas próprias mãos, conseguindo seu próprio sustento, estes homens foram a personificação da avareza; vorazmente exigindo suporte espoliaram os membros de seu sustento; em nada se preocuparam com a salvação de seu povo, mas com a sua própria vantagem e benefício. Enquanto Paulo sob todos os

---

<sup>6)</sup> 33) Lutero, 12. 414.

aspectos trabalhou para preservar a liberdade individual dos cristãos, como os que só estão sob a obediência do amor de Cristo, estes homens os capturaram nas redes de sua doutrina falsa; envolvendo-se nas vestes inocentes de ovelhas, conseguiram a confiança do povo, até que tomaram cativa a vontade dele. Enquanto Paulo foi sempre um exemplo de humildade, estes homens, cheios de orgulho e desprezo, se exaltaram às expensas de seus ouvintes. Enquanto Paulo sempre tratou todas as pessoas com toda bondade, os falsos mestres finalmente chegaram a tais alturas de insolência que não hesitaram em colocar mãos violentas nos miseráveis trouxas que lhes deram sua confiança; ofereceram ao povo a forma mais elevada de insulto quando lhes bateram no rosto. E os coríntios suportaram a tudo isto, tal como pessoas de hoje suportam das mãos de falsos mestres o que não sonhariam em suportar dum verdadeiro mestre do evangelho. O próprio fato da impertinência egoísta dos falsos mestres parece conservar curvado o seu povo sob desesperado sofrimento.

O elogio de Paulo sobre si mesmo: *V. 21) Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos. Mas, naquilo em que qualquer tem ousadia, com insensatez o afirmo, também eu a tenho. 22) São hebreus? também eu. São israelitas? também eu. São da descendência de Abraão? também eu. 23) São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. 24) Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; 25) fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado, em naufrágios três vezes, uma noite e um dia passei na voragem do mar; 26) em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; 27) em trabalho e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez. 28) Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.* Nestas primeiras palavras desta parte estão contidas uma intensa ironia e uma vigorosa repreensão; pois ele verdadeiramente parece fraco aos coríntios quando comparado com esses chefes espirituais: Digo-o para vergonha (vossa), como se realmente tivesse acontecido que nos tornamos fracos. Foi uma vergonha aos coríntios que o apóstolo se visse obrigado a escrever desta forma, como se ele e seus cooperadores parecessem fracos em comparação aos falsos apóstolos. Os últimos foram considerados de modo muito elevado aos olhos deles, suportaram da parte deles a conduta mais humilhante, enquanto os verdadeiros mestres, a quem deveram todas as suas riquezas espirituais, foram desprezados aos olhos deles.

Agora o apóstolo muda para um tom de magistral asserção quando apresenta suas próprias queixas: Mas se alguém se orgulha de alguma coisa, ou se atreve gloriar-se, (falo-o de modo néscio), também eu me atrevo a me gloriar. Desde sua conversão sua vida inteira, o curso inteiro de seu ministério, o justificarão, ou mostrarão quantos labores e quantos sofrimentos suportou. O apóstolo fala de modo muito geral; desafia a qualquer dos falsos mestres, ainda que considera o seu gloriar-se como um ato de loucura. Com isto ele insinua, como diz Lutero, que os oponentes, os quais nada tem para mostrar que de algum maneira seja comparável ao que ele relata, e por isso, juntamente com sua jactância, são piores do que néscios. Quanto à sua própria pessoa, Paulo inicia com a mais baixa das vantagens: São hebreus? eu também. São israelitas? eu também. São filhos de Abraão? eu também. Aquilo que os falsos mestres exaltavam sobremaneira, isso Paulo coloca no lugar mais baixo, mas, mesmo nesta vantagem mais comum e desprezível não estavam acima dele. Pois ele foi um hebreu, um membro da nação judaica, que reteve a língua e os costumes judeus; foi um israelita, um membro do povo escolhido de Deus do Antigo Testamento; foi um descendente de Abraão, e um herdeiro das promessas messiânicas dadas a Abraão. Neste ponto, por isso, os falsos apóstolos não se puderam exaltar acima de Paulo.

Há, contudo, uma comparação mais importante: São ministros de Cristo? Esta foi a glória deles, e Paulo, por causa do argumento, o concede, dizendo, contudo, por sua vez: Falo como alguém fora de si, sou mais. A grande humildade do apóstolo o compele a usar esta palavra

tão forte, em que se acusa a si mesmo de loucura por presumir vangloriar-se neste assunto tão santo. Ainda assim insiste que é um servo de Cristo de um modo muito mais alto do que seus opositores; ele tem muito mais direito para se chamar um ministro do Senhor. Ele comprova esta afirmação não pelo sucesso que tivera em seus esforços, não citando o número de almas que foram ganhas por sua pregação, mas com uma referência aos seus esforços e sua abnegação. Pois o teste da fidelidade dum ministro é que ele se nega a si mesmo por amor de seu Senhor, que alegremente toma sobre si a vergonha e a infâmia, as provações e os sofrimentos e as tribulações que sempre acompanham seu ofício. Assim aconteceu que Paulo foi capaz de dizer de si: Em trabalhos, muito mais; em prisões, muito mais; em açoites, acima da medida, em mortes, muitas vezes. Esse foi um resumo de seus sofrimentos: Não só às vezes, mas continuamente se debatia sob o fardo de seus trabalhos; não uma vez, mas, muitas vezes, esteve preso, não só em Filipos, At. 16. 23, mas também em outros lugares, como mostram as epístolas posteriores; muitas vezes foi submetido a açoites; freqüentemente esteve em perigos de morte. Em todos estes fatos os falsos mestres não podem apresentar comparação, pois em seu trabalho não haviam tido nenhuma dessas experiências.

Agora o apóstolo fornece alguns detalhes para suportar sua disputa: Por ordem de alguma assembleia de sinagoga, cinco vezes fora sentenciado a açoites, das quais fala Dt. 25. 3, onde incidentalmente se proibia mais do que quarenta açoites, motivo esse, porque os judeus, movidos por cuidado hipócrita, aplicavam só trinta e nove batidas para que não transgredissem a letra da lei. Este castigo muitas vezes foi tão severo, como relata Josefo, que a morte foi a conseqüência. Não só os judeus o maltrataram, mas os gentios também o haviam sentenciado três vezes a uma surra com varas. Cf. At. 16. 23, 37. Uma vez foi apedrejado, a saber, em Listra, em sua primeira viagem missionária, At. 14. 19. Três vezes sofreu naufrágio, sendo que todas elas são outras do que aquele referido em At. 27. Numa dessas ocasiões sua vida esteve por um fio, visto que passou um dia e uma noite no abismo; mas, agarrado a um pedaço de destroços, e sendo pelas ondas atirado ao redor por quase vinte e quatro horas, foi resgatado.

Agora Paulo retoma sua argumentação sobre o fato que foi um servo de Cristo em sentido ou grau muito maior do que seus opositores. Fizera muitas viagens, cujo alcance só está indicado no relato de Lucas. Fora incansável em viajar de um país ao outro, a fim de levar o evangelho aos gentios. Havia suportado nestas suas viagens os perigos de rios, ao cruzar torrentes perigosas; perigos de salteadores, que infestavam as profundidades remotas dos montes, como as que há nos Montes Tauro na Ásia; perigos da parte de seu próprio povo, que foram os judeus, que tantas vezes tentaram tirar-lhe a vida, como também da parte dos gentios, como aconteceu em Icônio, At. 14. 5, em Filipos, At. 16. 20, e em Éfeso, At. 21. 31; perigos na cidade, em regiões populosas onde havia proteção policial; perigos no mar, como os que recém mencionou; perigos entre falsos irmãos, muito provavelmente os mestres judaizantes, que agora se mostravam seus cruéis inimigos. Paulo realizara a obra de seu ministério com muito esforço e labuta, muitas vezes sem a oportunidade para um sono reparador, visto que usava as noites para trabalhar com suas próprias mãos. Suportara fome e sede, porque não tinha posses, ou porque não conseguia alimento. Jejuara freqüentemente para disciplinar seu corpo a enfrentar as durezas de suas viagens e de suas atividades. Sofrera frio e nudez, não possuindo as vestes necessárias para todas as mudanças do tempo nos vários países. Cf. 2. Tm. 4. 13. Com isto Paulo comprovou ser um exemplo dum servo abnegado de Cristo, para o qual nenhuma preocupação e nenhum esforço era grande demais, a quem nenhuma privação podia barrar, quando o assunto era servir ao Senhor.

Paulo, porém, também suportou fardos e preocupações que lhe sobrevinham na diária realização de seus encargos. Ele não enumera todas as dificuldades e privações, fossem corporais ou mentais, mas lembra os coríntios só do fato que havia o encargo que diariamente precisava cuidar, ou seja, os muitos detalhes que precisavam ser por ele decididos e que, como era natural, pesavam sobre ele, causando-lhe muitas horas de ansiedade e preocupação, com respeito a todas as congregações que havia fundado.

Uma lista adicional de privações e dificuldades: *V. 29) Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? 30) Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. 31) O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto. 32) Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas, montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; 32) mas num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livrei das suas mãos.* As perguntas retóricas iniciais contêm uma adicional explicação do fato que Paulo esteve sobrecarregado com os detalhes dos negócios que diziam respeito a muitas congregações. O apóstolo era invariavelmente abordado para que desse sua ajuda e decisão, quando era preciso decidir alguma questão importante sobre a fé ou a vida cristã, ou quando havia alguma rixa, ou quando seu desejo era desejado nalgum outro assunto. Contudo, não só a boa e má sorte de congregações inteiras estava sobre seus ombros, mas também tinha paciência com os cristãos individualmente. Sua compaixão apostólica se estendia àqueles que estavam fracos na fé. Sentia com eles a fraqueza deles. Ele encontrava a palavra certa para a hora certa. Sabia quando fazer concessões e quando usar dureza. Tornava-se fraco com os fracos. Doutro lado, quando ouvia que qualquer pessoa se ofendera, fosse levada a tropeçar, ele se inflamava em justa indignação. Sentia a injúria como tivesse sido cometida contra ele. Como verdadeiro pastor, sentia as inquietações espirituais e os perigos dos membros de todos os lugares e, por meio de oração e de conselho, se colocou ao lado deles.

O princípio que até aqui guiou ao apóstolo em seu gloriar-se, ele o expressa na sentença: Se for preciso que eu me glorie, então eu me gloriarei em minha fraqueza. É como se quisesse dizer: Não é por minha própria vontade, ou por uma escolha minha, que me glorie, mas vós coríntios me obrigaram a jactar-me para que o evangelho de Cristo permaneça em vosso meio. Visto que assim pesava sobre mim uma necessidade, não me jactarei como o fazem outras pessoas, da minha própria força, dos meus sucessos, mas do que faz parte da minha fraqueza, dos meus sofrimentos, das perseguições e das tribulações que tenho suportado. E nisso o apóstolo protesta solenemente que fala a verdade: O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não minto. Esta exclamação mostra a profundidade do sentimento que agitava ao apóstolo. Deus é sua testemunha. Não sua própria pessoa, não a verdade de sua doutrina, mas o evangelho de Jesus Cristo, a honra de seu Senhor, está posto em risco, e por isso sua solene afirmação no meio de seu apaixonado discurso.

Agora Paulo acrescenta um relato sobre um perigo especial que o atingiu pouco depois de sua conversão. Isto aconteceu depois do seu retorno da Arábia, quando pregava de modo tão público e franco em Damasco, que os judeus resolveram matá-lo, At. 9. 23-25. Era tão grande a influência deles na cidade, que convenceram o etnarca do rei Aretas da Arábia, o sogro do rei Agripa, proteger a cidade com a colocação de guardas em todas as portas, enquanto eles mesmos esquadrihavam a cidade fazendo todos os esforços para prender Paulo. O Senhor, porém, velou sobre Seu servo. Parece que um dos membros da congregação cristã de Damasco morava junto ao muro da cidade, e por isso os discípulos o recolheram para esta casa. Quando sobreveio a noite, levaram-no até uma abertura no muro da cidade ou a uma janela da casa que ficava à altura do muro, e o baixaram num cesto. Foi assim que ele fugiu da cidade, e que os planos de seus inimigos foram frustrados, tanto dos judeus como do etnarca. Notamos que para um cristão é correto, e isto inclusive para um pastor cristão, fugir em tempos de perseguição para salvar sua vida, sempre que para tanto se lhe oferece uma oportunidade e possa ser feito sem negar a verdade.

**Resumo:** Paulo censura o espírito que fez com que os coríntios se desviassem; assegura que de modo algum é inferior a seus opositores, mesmo que insistisse para que o suportassem, que foi um fato que também desafiou aos falsos apóstolos; ele se gloria dos perigos e das privações de seus árduos trabalhos apostólicos.

## Capítulo 12

### A Jactância De Paulo Sobre Suas Fraquezas. 2. Co. 12. 1-10.

Revelações sobrenaturais: *V. 1) Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. 2) Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos foi arrebatado até ao terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe. 3) E sei que o tal homem, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, 4) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. 5) De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo das minhas fraquezas.* Aqui está novamente aparente quão desagradável foi a tarefa que o apóstolo que o apóstolo teve neste assunto de gloriar-se ao que a atitude dos coríntios o havia impelido: É preciso que me glorie, ainda que, de fato, isto não seja oportuno. Não por sua espontânea vontade, não porque ele tenha prazer nisso, ele se refere aos sofrimentos e às experiências na obra do Senhor, mas por causa da inimizade dos falsos mestres e da credulidade dos discípulos de Corinto. Esta totalmente consciente do fato que não há qualquer vantagem pessoal para ele neste gloriar-se das coisas que suportou e das coisas que o Senhor lhe revelou, mas agora ele tem o desejo de mencionar algumas das visões e revelações do Senhor que o Senhor lhe outorgou. Cf. At. 2. 17; 10. 10; Ap. 1. 10; 4. 1; At. 9. 3.

Por causa de seu caráter extraordinário, uma visão, da qual Paulo fala agora, se destaca das demais: Conheço um homem em Cristo há catorze anos. Está certo do fato que aqui relata, visto que ele mesmo foi o cristão a quem o Senhor concedeu esta revelação, não lhe permitindo sua humildade nomear a si em ligação a uma visão tão maravilhosa. A ocasião se imprimira de modo tão enfático em sua memória, que não esquecerá a data. Parece que teve esta visão antes de iniciar seu ministério propriamente dito, talvez durante sua viagem para Tarso, At. 9. 30; 11. 25, sendo a intenção do Senhor conceder a este novo instrumento de Sua misericórdia uma tal amostra de Sua graça e do Seu poder, mediante um antegozo da ventura do céu, para que não desesperasse em meio às multiformes tribulações a que esteve sujeito. Foi uma experiência extraordinária e milagrosa. Pois Paulo declara duas vezes que não sabe se esteve no corpo ou fora do corpo, que não foi capaz de dizer se foi arrebatado corporalmente ao céu e com os olhos de seu corpo viu todas as glórias, ou se somente seu espírito, temporariamente liberto dos limites do corpo mortal, vira a ventura celeste. Pode ter acontecido que o apóstolo ponderava sobre esta experiência tão maravilhosa, todavia não foi capaz de chegar a uma conclusão, e, por isso, entregou tudo a Deus.

Esta visão foi totalmente diferente de outras que tivera: Que fora arrebatado ao paraíso e ouvira palavras inefáveis que lábios humanos não conseguem expressar. A Bíblia fala muitas vezes do céu no plural, como acontece na Oração do Senhor (no texto grego), mas das várias passagens não conseguimos dizer as distinções e os graus que precisam ser observados. Paulo, fora de qualquer dúvida, foi transportado ao terceiro céu, ao paraíso, ao lugar onde viviam as almas remidas na mais íntima comunhão com Deus, onde viam face à face seu Salvador. Paulo teve nesta visão uma experiência dessa ventura e dessa glória. E ouvira palavras que à mera língua humana não era possível exprimir, ou que o fato que as ouvira sempre guardado como um segredo bendito. O conteúdo da revelação divina daquela ocasião fora tão gloriosa que, se repetida em linguagem humana, teria sido profanada.

Fora uma simples olhadela da ventura do céu, mas Paulo, sem qualquer dúvida, esteve correto quando disse: Por causa dessa pessoa me gloriarei, mas quanto a mim mesmo não me gloriarei se não em minhas fraquezas. O apóstolos só mencionará com um ar de vaidade aqueles incidentes em que sua própria pessoa não esteve ativamente envolvida, que lhe foram concedidas unicamente pela misericórdia de Deus, ou seja, quando ele foi levado para fora de sua própria individualidade e quase se conseguia enxergar como uma terceira pessoa. Em seu estado natural, só tem a dar um testemunho sobre si, a saber, o de sua fraqueza, de seus sofrimentos. E mesmo aqui, em última análise, a glória pertence só a Deus. Pois sofrimentos

e tribulações podem ser contidos sob a jactância só até ao ponto que são carregados com a coragem que Deus concedeu.

Tribulações incomuns: *V. 6) Pois se eu vier a gloriar-me não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve. 7) E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. 8) Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. 9) Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. 10) Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. porque quando sou fraco, então é que sou forte.* Paulo subentende que há outros assuntos, outras atividades e experiências, quer corretamente podiam ser objetos de vanglória: Pois se desejasse gloriar-me, não serei tolo, pois falaria a verdade. Sem se tornar culpado de estultice e loucura, e numa consideração correta da verdade, ele podia fazer declarações que acertadamente poderiam servir como uma base para jactar-se. Nota: Quando a ocasião o exige que é preciso recorrer à glorificação de si mesmo, então a loucura não está no lado daquele que afirma a verdade, mas daquele que se ergue contra ela. Mas, quanto à sua própria pessoa, Paulo aqui se abstem, para que nenhuma pessoa o avaliasse acima daquilo que nele vê ou dele ouve. Ele deseja que por si mesmos falem os fatos de seus esforços e de sua vida atribulada ao serviço do evangelho. Deseja ser julgado e avaliado com base no que os coríntios enxergaram nele, no que souberam dele e da sua atividade como apóstolo do Senhor. Um verdadeiro servo de Cristo não busca honra para si mesmo, não deseja fundamentar a reputação que goza sobre suas próprias afirmações, mas sobre o que cada pessoa bem-intencionada nele vê e dele ouve. Seu próprio esforço, seja em palavra ou em ação, sempre visa comprovar-se um servo fiel de Cristo.

O próprio Senhor auxiliou o apóstolo em seus esforços para ser humilde: E por causa da singular grandeza das revelações, para que eu não me exaltasse em excesso, é-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para que me esbofeteasse, para que eu não fosse exaltado demais. A construção da sentença e o emprego dum nome em vez dum adjetivo, enfatizam a natureza extraordinária das revelações espirituais que foram concedidas a Paulo. Mas ele foi um homem, e como tal esteve sujeito às tentações da carne. Havia o perigo que ele se exaltasse de modo altivo e insolente acima de outros, visto que o Senhor o distinguira deste modo. Por isso lhe foi dada uma enfermidade, aparentemente alguma enfermidade corporal, cuja natureza tem sido assunto de muita conjetura. Era algo que queimava, como o querem alguns, um tormento agudo e penetrante, uma irritação incômoda, que oprimia alguma parte específica de seu corpo. Não era algo contínuo, mas que o esbofeteava, sendo que lhe sobrevinha como que em golpes. Foi um mensageiro de Satanás, que o golpeava, assim como acontecia com Jó. Foi permitido a Satanás que enviasse seu mensageiro para perturbar o corpo do servo de Deus, para que tanto o corpo como a alma permanecessem com o Senhor.

Esta aflição foi tão ardente e torturante que Paulo buscou alívio: Por causa disso três vezes roguei ao Senhor que isso fosse afastado de mim. Em três ocasiões especiais fizera dessa doença o assunto duma petição distinta, pedindo por sua remoção, e, com toda certeza, este pedido fora feito de modo correto, em verdadeira fé, em firme confiança. Finalmente lhe foi dada uma resposta, e mesmo que não aquela pela qual seu espírito anelava, bastou para fortalecer e consolá-lo em sua aflição: E Ele me disse: Basta a ti a Minha graça; pois Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Foi uma resposta dada naquele tempo que conserva sua força até hoje. A graça de Deus em Jesus fora concedida ao apóstolo por meio da fé; esta era a sua riqueza. Sabia que Deus era seu querido Pai, cujos pensamentos e atos em tudo eram a seu favor. Por isso, em meio às próprias tribulações e aflições havia quem dele cuidava na melhor maneira possível; e o poder de Deus encontrou uma oportunidade de ser efetiva, exatamente, em sua fraqueza. Precisa chegar a ponto de desesperar em suas própria força,

suas habilidades e talentos, porque só então o poder do onipotente Senhor o pode usar como uma ferramenta e um instrumento de misericórdia. “Caro Paulo, o que imaginas tu que seja isto? A minha força não pode ser efetiva se não somente em tua fraqueza. Tu precisas ser fraco, tu precisas sofrer, suspirar, ser miserável e fraco, para o teu próprio bem, para que finalmente possas alcançar, com sofrimento e lutas, a vitória e te possas tornar um grande apóstolo. Se não quiseses ser fraco, então o Meu poder não pode operar nada em ti. Se devo ser o teu Cristo e tu, por tua vez, ser Meu apóstolo, então precisas harmonizar tua fraqueza com Minha força, tua insensatez com Minha sabedoria, e Minha vida com tua morte.”<sup>7)</sup> Marquemos: Deus conduz seus filhos de modo extraordinário, em especial, aqueles que Ele pretende para posições importantes em Sua igreja. Ele os fortalece por meio de várias provas de Sua misericórdia e graça para as lutas e os sofrimentos que precisam passar por causa do Seu nome. E Ele também lhes envia provações e tribulações especiais, para que não se viciem com soberba espiritual. Ele, como um verdadeiro Pai, desta forma educa e exercita Seus filhos para as posições que devem ocupar, sempre com o alvo final que Seu nome possa ser exaltado.

Desta forma Paulo conclui esta passagem: Com imensa satisfação, por isso, me gloriarei em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse sobre mim, ou seja, estenda sua tenda sobre mim e habite em mim. O apóstolo, em meio aos seus sofrimentos, não quer expressar uma só palavra de insatisfação e de lamento, visto que tem a convicção da fé que o poder de Cristo opera nele e lhe ajuda. Ele repete: Pelo que, por causa de Cristo, estou plenamente satisfeito nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias; pois, quando sou fraco, então sou forte. As mesmas experiências que uma outra pessoa poderia considerar como provas da ira de Deus, ou seja, suas próprias e várias fraquezas, os insultos que teve de carregar, as necessidades em que esteve, as perseguições e as angústias que da parte de judeus e gentios lhe sobrevieram, Paulo reconhece como provas da dedicação paterna de Deus. Quanto mais se conscientiza de sua própria fraqueza e de sua incapacidade para realizar a obra que lhe foi confiada pelo Senhor, tanto mais a força do Senhor se torna nele eficiente. “As palavras de São Paulo são mais do que um paradoxo verbal. Elas expressam o fato, em favor do qual testemunha a história abundantemente, que a cruz é o trono deste mundo.”<sup>8)</sup>

O Que Paulo Espera Dos Coríntios. 2. Co. 12. 11-21.

O amor deles o deviam ter elogiado em seu amor por eles: *V. 11) Tenho-me tornado insensato: a isto me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou. 12) Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos. 13) Porque, em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas, senão neste fato de não vos ter sido pesado? Perdoai-me esta injustiça. 14) Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos. 15) Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas. Se mais vos amo, serei menos amado? 16) Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo.* Aqui Paulo volta o fato do seu gloriar-se contra os coríntios, em reprimenda a eles, dizendo que o seu tornar-se tão insensato, ou seja, dum modo que ele próprio considerava escandaloso, foi causado porque eles não o louvaram: Pois eu devia ter sido louvado, elogiado, por vós; pois em nada fico para trás destes apóstolos tão excelentes, tão superiores, aos quais, de modo tão disposto, fostes obedientes, - isto é, aos mestres judaizantes, os falsos profetas que haviam perturbado os coríntios. E isto, apesar do

---

<sup>7)</sup> 34) Lutero. 2. 1665.

<sup>8)</sup> 35) *Expositor's Greek Testament*, 3. 112.

fato que, na baixa estima que tem de si mesmo, é nada, assim como se chama o menor dos apóstolos, 1. Co. 15. 9. Teve a clara compreensão que não era nada, que nada dependia de sua pessoa, de sua capacidade, de seus talentos, ou seja, que não era indispensável ao trabalho mas era meramente um instrumento da graça nas mãos do Senhor, porém, que Cristo era tudo em tudo.

Mas, quanto aos falsos apóstolos, contra quem se dirige esta passagem, não admitirá por um só momento a superioridade deles: Entre vós foram realmente operados, em toda paciência, os sinais dum apóstolo, tanto por meio de sinais como por meio de milagres e de poderes. Em Corinto haviam sido operados por seu agir as indicações especiais de sua autoridade apostólica, os sinais que imediatamente o apontavam como um apóstolo do Senhor, os milagres e os poderes que, como um selo de seu chamado, haviam sido dados aos servos do Senhor, Mc. 16. 17, 18. Que provas maiores eles desejaram? Por que lhe negaram o reconhecimento apropriado?

Paulo também se refere a essa questão em debate como sendo o fato que ele mesmo se sustentava enquanto pregava em Corinto: Pois em que fostes vós inferiores às outras congregações, exceto ao fato que não vos fui pesado? Teriam eles chegado a este ponto da sua atitude crítica de se sentirem insultados e terem recuado, pelo fato que ele insistira em conseguir os meios de sua própria subsistência, e lhes poupava o dinheiro que realmente lhe deveram? Caso esta tivesse a atitude deles, como ironicamente acrescenta, então lhe perdoassem este mal; humildemente suplica-lhes perdão por tê-los desrespeitado. Ele, porém, em vez de mudar de método, declara expressamente: Eis que esta é a terceira vez que estou pronto a ir até vós, e não serei um peso. Sua primeira visita foi a que está relatada em At. 18; da segunda não temos qualquer relato, ainda que a ela se refere em cap. 13. 1, 2; 2. 1. Ao executar sua intenção para os visitar, decidira permanecer em sua prática e deles não exigir dinheiro para seu sustento: Pois não procuro o vosso, mas vós. Ninguém devia ser capaz de levantar contra ele a acusação de que está procurando o dinheiro deles, os bens deles. Sua única motivação e ganhá-los para Cristo e conservá-los em comunhão com Cristo. Ele cita uma expressão proverbial em apoio deste princípio: Pois os filhos não são obrigados a reunir tesouros para os pais, mas os pais para os filhos. Cf. Pr. 29. 14. Ele foi seu pai espiritual, e como tal, ele se preocupou sobre a junção de tesouros espirituais para eles, tornando-os os herdeiros dos maravilhosos dons espirituais que lhe haviam sido confiados para o benefício deles.

Tendo este espírito, sua atitude para com eles é: Mas eu muito alegremente gastarei, e serei completamente gasto, em favor de vossas almas. O amor do apóstolo pelos coríntios é de tal modo, que não esteve excluído qualquer idéia de ganho para si, mas também esteve pronto, com uma cordial boa-vontade, a entregar por eles tudo quanto tinha no mundo, sim, de sacrificar sua própria vida, se com isso pudesse promover o bem-estar deles. É a mesma dedicação desinteressada que ele mostrou em outras ocasiões, 1. Ts. 2. 8; Fp. 2. 17; 2. Tm. 2. 10. Sente-se, porém, obrigado para acrescentar, com melancólica tristeza: Se eu tanto vos amei, sou eu menos amado? Ou: Ainda que vos ame sempre mais, sou tanto menos amado. Estava disposto a ir até o extremo para superar o preconceito e a hostilidade deles, mas não teve o sucesso esperado, antes o índice contrário, que foi um fato que ele sentiu de modo muito intenso. Mas seu amor é capaz de fazer, até mesmo, este sacrifício: Mas, que seja assim! Mesmo que seja só ele, tem a satisfação que não os onerou com sua manutenção, algo que os cristãos precisaram conceder. Contudo, seus oponentes fizeram agora outra insinuação: Mas sendo esperto, capturei-vos com astúcia. Insinuaram que ele era o suficientemente esperto para cuidar de seu próprio interesse, que não aceitou quaisquer meios de ajuda direta, mas que não estava acima de suspeição no caso da pretensa coleta em favor dos pobres da Judéia. Ele agora resgata este assunto na última parte deste capítulo.

Paulo espera pelo arrependimento construtivo da parte dos coríntios; *V. 17) Porventura vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei? 18) Roguei a Tito, e envie com ele o irmão; porventura Tito vos explorou? Acaso não temos andado no mesmo*

*espírito? não seguimos nas mesmas pisadas? 19) Há muito pensais que nos estamos desculpando convosco. Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação. 20) Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos. 21) Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que outrora pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.* Paulo enfrenta as suspeições de seus inimigos com perguntas diretas; pois, assim como estava certo de sua própria integridade, ele sente que também assim pode garantir por seus substitutos, por saber que não davam ocasião para que fossem feitas as conclusões como as sugestões feitas pelos seus inimigos aos coríntios: Daqueles que vos enviei houve, acaso, um por meio do qual tenha eu tirado vantagem de vós? O apóstolo, em sua agitação, porque o assunto o afetava tão profundamente, já não cuida da construção gramatical. Seus representantes haviam estado sob observação durante todo o tempo em que estiveram em Corinto. Que cada um da congregação agora se apresente com acusações explícitas. E no caso que algum deles simulasse desconhecimento daquilo a que Paulo se referia, diz ele com franqueza: Pedi a Tito para continuar esta missão, e com ele enviei o irmão (que o acompanhou). Eles foram os seus enviados, e agiram em seu lugar. Paulo se refere à missão da qual Tito retornara, trazendo o relato da congregação de Corinto. Acaso Tito se aproveitou de vós? Acaso não andamos segundo o mesmo espírito, nas mesmas pisadas? Em Tito se encontrava o mesmo modo de agir como aquela encontrada em Paulo, sendo que o mesmo Espírito Santo governava suas ações e controlava sua conduta. Mas, de fato os coríntios haviam reconhecido a singeleza e a sinceridade de Tito, cap. 7. 13, e por isso Paulo pode concluir também para si a boa opinião deles, visto que Tito havia realizado as instruções que ele dera. Paulo não tinha nada a esconder, e todos os seus atos e seus motivos estavam acima de qualquer suspeita.

Por isso o apóstolo também pode afirmar o alvo do seu gloriar-se, a saber, levá-los ao arrependimento. Procedendo assim, antes de tudo rejeita a idéia de que estivesse escrevendo para lhes pedir desculpas: Pensais em todo este longo tempo que nos estamos desculpando a vós? Teria sido, realmente, desonroso para a dignidade dum apóstolo, se tivesse feito que sua dignidade dependesse sobre a avaliação deles. E por isso lhes diz que uma idéia como esta está fora das suas cogitações; pelo contrário: Falamos em Cristo perante Deus. Ele recebeu de Cristo seu poder e sua autoridade, e realiza a obra de seu ministério conforme as instruções do alto. Por esse motivo também é verdade: Mas todas as coisas (que falamos e fazemos), caros irmãos, fazemos para a vossa edificação. Sempre predominava na mente de Paulo essa idéia, a saber, como ser capaz de realizar mais coisas para o bem espiritual deles, como desenvolvê-los em seu viver espiritual.

Mas o que acontecia queria por colocá-lo em dúvida quanto à condição e bem-estar espiritual deles: Infelizmente temo que, quando for, não vos encontrarei como desejo, e também que eu não serei encontrado assim como vós o desejais. Aqui ele expressa a solicitude afetuosa dum pai. Talvez não os encontre na medida do padrão que lhes estabeleceu, e eles, por sua vez, não o poderiam achar tão agradável como o haviam previsto, mas, ao contrário, inclinado a uma severidade irritada por causa de sua atitude e por causa da promessa não cumprida quanto à sua condição espiritual. O encontro prometia ser embaraçoso e doloroso para ambas as partes. Ele menciona oito espécies de frutos maus que, dia de regra, floresciam num solo como o que eles estavam preparando para si em Corinto e que ele temia encontrar: briga, e querela de toda espécie; inveja, estando cada um cheio de desconfiança em relação do outro; rancor, ou uma fúria violenta e exaltada; um espírito partidário e facções movidas por tal espírito; calúnias, que são as maledicências e relatos maus; boatos, pelos quais o bom nome do próximo era difamado; arrogância, tanto sobre os dons como sobre o saber; tumultos, desordens que interfeririam seriamente na obra do evangelho. Estes frutos tinham a condição de amadurecer onde a carne e o diabo ainda

reinavam, e os indícios apontavam ao fato que o governo desses ainda não fora quebrado em Corinto.

O apóstolo francamente lhes diz quanto ao efeito que isso teria sobre o apóstolo: Para que, quando eu for novamente, meu Deus não me humilhe ante vós. Realmente seria uma experiência humilhante para Paulo ver frutos tão escassos aos seus esforços pelo evangelho. No passado passara, uma vez, este vexame, e não o desejo de novamente ver repetida esta desagradável experiência. Pois então se veria obrigado a lamentar por muitos que pecaram anteriormente e não se arrependeram da impureza e da fornicção e da lascívia que cometeram. Parece que por ocasião de sua visita anterior ele chamara a atenção sobre a predisposição deles para os pecados da carne, e os havia advertido contra toda forma de impureza, de imortalidade, e de sensualidade. Se fosse acrescentado, ao seu lamento sobre eles e sobre a recusa deles para se arrepender, este novo desgosto de ver que em Corinto se fixaram outros frutos da carne, então estaria plena a medida de sua humilhação. Para cada pastor fiel é sempre um caso de preocupação penosa e lamentável, quando ofensores públicos, pecadores flagrantes, persistem em sua impenitência, mas ele não perderá a esperança até que tenha esgotado todos os meios que possam conduzi-los à sua redenção.

**Resumo:** Paulo, em seu gloriar-se, se refere a revelações especiais, e particularmente a uma visão extraordinária que teve, bem como ao fato que o Senhor o está conservando em humildade por meio duma severa enfermidade; afirma que o amor deles por ele os devia ter impellido a recomendá-lo, visto que era genuíno seu afeto por eles; espera por um arrependimento construtivo da parte deles.

### Capítulo 13

#### Uma Admoestação Conclusiva E Saudações. 2. Co. 13. 1-14.

Paulo anuncia sua determinação de usar, se for necessário, todo rigor: *V. 1) Esta é a terceira vez que vou ter convosco. Por boca de duas ou três testemunhas toda questão será decidida. 2) Já o disse anteriormente, e torno a dizer, como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas agora, estando ausente, o digo aos que outrora pecaram, e a todos os demais, que, se outra vez for, não os pouparei, 3) posto que buscais prova de que em mim Cristo fala, o qual não é fraco para convosco, antes é poderoso em vós. 4) Porque, de fato foi crucificado em fraqueza, contudo vive pelo poder de Deus. Porque nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele para vós outros pelo poder de Deus.* Aqui Paulo segue seu método usual de tornar o fim de suas cartas tão impressionantes quanto possível. De maneira muito formal ele anuncia: Esta é a terceira vez que estou chegando até vós. De certo modo, este é um lembrete de Mt. 18. 15-17; pois duas visitas apostólicas haviam sido feitas anteriormente, no decorrer das quais Paulo usara de todas as formas de instrução, de persuasão e de admoestação. Por isso, deliberadamente, escolheu para esta terceira visita como sua máxima: Pela boca de duas ou três testemunhas cada afirmação será estabelecida. Os procedimentos de disciplina, que teve a intenção de estabelecer, seriam rígidos e precisos. Ele não cita esta palavra como uma ordem de Moisés válida para o Novo Testamento, mas porque esta ordem de estabelecer a verdade por um número suficiente de testemunhas foi julgada boa por Cristo, Mt. 18. 16. Cf. 1. Tm. 5. 19.

Ele novamente afirma de modo muito solene e enfático: Eu disse anteriormente e agora digo anteriormente, tal como o fiz quando estive presente na segunda vez, e faço agora na minha ausência, àqueles que pecaram antes e todos os demais: Virei novamente, e não pouparei. Paulo suportara com grande paciência os transgressores incorrigíveis de Corinto. Quando de sua visita a eles, os havia advertido, sendo que a própria presença de seus auxiliares fora o mesmo como uma advertência; havia repreendido a inclinação deles aos pecados da imoralidade, cap. 12. 21; os advertira por causa de sua tendência para formar

facções e partidos. Sua atual admoestação, por isso, é a última, pois vem a hora quando paciência e longanimidade deixam de ser uma virtude. Ele não mais se dará por satisfeito com meros apelos que são ignorados. Não pode permitir que sua autoridade apostólica seja desafiada e questionada.

Diz-lhes o motivo porque em sua próxima visita não os poupará: Visto que buscaís uma prova do fato que Cristo fala em mim (e o contestais por vossa conduta). Não haviam sido os membros da congregação de Corinto que se haviam tornado tão rebeldes, mas, nem por isso, haviam tomados os passos necessários para subjugar a perturbação que ameaçava subverter a autoridade do apóstolo. Paulo, por isso, corretamente inclui em sua repreensão tanto os demais como os realmente culpados. Contestavam sua vocação, sua missão recebida de Cristo para falar em Seu nome. E, como Paulo escreve, apesar do fato de que Ele não é fraco em relação a vós, mas forte em vós. Acaso não foi a própria existência da congregação deles um testemunho do poder de Cristo e de Seu servo? Não lhes haviam sido suficientemente convincentes os sinais que um apóstolo fez em seu meio. Na verdade, Cristo não foi fraco, mas Sua graça se comprovara poderosa em seu meio. Cristo, tendo chegado aos coríntios pela palavra e o espírito do apóstolo e, agora, vivendo em seu meio, não esteve novamente ante a porta e batendo, e da parte deles nada seria mais tolo do que a evasão e a franca hostilidade.

Paulo acrescenta duas evidências em favor da presença e do poder de Cristo entre eles: Pois Ele também foi crucificado por causa da fraqueza, mas agora Ele vive através do poder de Deus. A primeira razão é esta: a ressurreição de Cristo, por meio da qual Ele mesmo provou ser o vencedor da morte. De fato, Cristo, tendo tomado sobre Si a forma de servo, Fp. 2. 7, foi pregado na cruz, como uma consequência desta fraqueza que voluntariamente assumiu por amor da humanidade. Ele se submeteu à fraqueza de sofrer e morrer, movido que foi por esse amor maravilhoso que o levou a levar sobre si as nossas dores e carregar as nossas tristezas, Is. 53. 4. Porém, por Sua ressurreição entrou em Sua glória por meio do divino poder. Daquele que ressuscitou Seu Filho da morte, bem como pelo poder. Daquele que venceu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade. Como um efeito desta manifestação do poder de Cristo, cabe bem a segunda razão: Pois Nele também somos fracos, mas com Ele vivemos pelo poder de Deus para convosco. Desta forma o poder que Cristo, o ressurreto Rei, concede, concede a Paulo o poder no desempenho de sua tarefa para com os coríntios. Assim, como aos olhos do mundo, Cristo, realmente, foi fraco, assim também Paulo também pareceu fraco aos olhos deles. Contudo, ele, aliás, é um participante da maravilhosa vida e energia divina que é característica do Cristo ressuscitado e glorificado. Nota: Aqui Paulo insiste que o Cristo onipotente e infalível habitou nele e operou por meio dele, e que seu ofício assim devia ser valorizado.

Paulo apela aos seus leitores a permanecerem como os aprovados de Cristo: *V. 5) Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. 6) Mas espero reconheçais que não somos reprovados. 7) Estamos orando a Deus para que não façais mal algum, não para que simplesmente pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados. 8) Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade. 9) Porque nos regozijamos quando nós estamos fracos, e vós, fortes; e isto é o que pedimos, o vosso aperfeiçoamento. 10) Portanto, escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação, e não para destruir.* Aqui o apóstolo apresenta, em oposição do pensamento apresentado no v. 3, conforme o qual os coríntios desejaram provas de Cristo nele, a exigência que eles deviam dirigir seu exame sobre eles mesmos. Em vez de prestar atenção e desconfiança a respeito dele: Colocai-vos vós mesmos em prova; antes de criticar a outros, começai vosso exame em casa. Aconselha-os a dedicar sua atenção em especial neste um ponto, se estão na fé; deviam examinar-se visando este fim. Pois, segundo todas as aparências, era-se tentado a concluir que a fé deles era mera fantasia de sua imaginação, por sua vez, uma condição devida ao fato que eles, propositalmente, se

enganavam. Foi assim que o feitiço se virou violentamente contra o feiticeiro, o que, porém, foi necessário, visto que situações desesperadas requerem medidas desesperadas. Ele leva avante esta investida por meio de outra, que é igualmente forte: Ou por vós mesmos não sabeis que Cristo Jesus está em vós, a não ser que, realmente, estais desaprovados? Se são cristãos de fato, então precisam ter experimentado o poder de Cristo em seus corações, e esta convicção do poder da graça de Cristo é a melhor prova em favor da missão divina de Paulo. Contudo, se, de fato, não passarem pelo teste aqui proposto, então são desaprovados, reprovados. As palavras do apóstolo são pesquisadoras, mas, também, um apelo; não tenta aterrorizar as consciências deles nem encher seus corações com dúvida e desespero, sendo, antes, seu objetivo confirmar os fracos e vacilantes em sua fé, e inflamar o pavio agonizante de sua fé numa chama rubra.

Quanto à sua própria pessoa Paulo afirma confiantemente: Espero que saibais que não somos reprovados. Ele está disposto a cordialmente se submeter tanto quanto à sua fé como à sua autoridade apostólica. Aqueles dentre eles que tivessem Jesus Cristo em seus corações não hesitariam um só momento para reconhecer Sua voz e poder no apóstolo, por cuja pregação haviam chegado ao conhecimento da verdade. Caso não fossem reprovados, sem mais argumentos saberiam que ele não era um reprovado, mas que possuía a plena autoridade de Cristo, também para punir qualquer desobediência.

Mas, para que Paulo fosse poupado de tal prova sobre seu poder, ele afirma na forma duma oração: Nós, porém, oramos a Deus que não façais qualquer mal, não para que nós apareçamos aprovados, mas para que vós façais o que é certo, o que é honrável, mesmo que nós pareçamos reprovados. O seu desejo é que eles não sejam culpados de nada que moralmente seja mau, de nada que não suportassem o olho perscrutador de Deus. Mas seu motivo, quando faz este desejo, não é para que seu ministério se destacasse pela glória de seu sucesso, que ele tirassem proveito no contraste apresentado pela situação reprovada deles, mas para que em todas as coisas fizessem o que é correto e bom, mesmo que ele, neste caso, fosse reprovado, não tendo qualquer oportunidade para mostrar o alcance de sua autoridade. O objetivo de seu ministério foi a edificação e a salvação deles.

Apresenta duas razões do seu altruísmo em sua oração em favor deles. Diz ele, antes de tudo: Pois nada podemos fazer contra a verdade, mas pela verdade. Ele não pode e não quer exibir qualquer autoridade apostólica se os fatos, quanto a este caso, mostram que os coríntios mostraram verdadeiro arrependimento. Em todos os tempos ele precisa defender a verdade; precisa absolver e confortar aos que mostraram obediência ao evangelho. Este é um princípio que encontra sua aplicação em todos os tempos, a saber, que os servos ou ministros de Cristo precisam defender a verdade e sofrer tudo, inclusive a morte, antes de permitir que reine a falsidade. Em segundo lugar, Paulo em sua oração é tão imparcial, porque o crescimento moral deles era a sua real alegria: Pois nos regozijamos quando somos fracos mas vós, fortes; e é isto que pedimos: a vossa completa cura, a vossa perfeição. Ele iria sentir-se feliz quando não fosse compelido a usar sua autoridade, mas de, no caso deles, parecer fraco; muito lhe agradaria se eles mostrassem a devida força no arrependimento; é o que ele desejou e pelo que orou, a saber, o restabelecimento deles à condição que a vontade de Deus exigia, que aceitassem sua admoestação, pusessem de lado toda e qualquer inimizade e mal, e se mostrassem verdadeiros filhos de seu Pai celeste.

Como ele diz em conclusão, este foi o verdadeiro objetivo de sua carta: Por este motivo escrevo estas coisas enquanto estou ausente, para que, quando presente, não precise agir de modo severo, conforme a autoridade que o Senhor me deu para edificar e não para destruição. De modo nenhum lhe causava prazer lidar com eles de modo áspero, rigoroso, como seria forçado a fazer, caso eles se recusassem para atender as instruções desta carta. Muito antes seu prazer seria que aceitassem agora suas admoestações, antes da sua chegada, e acertassem adequadamente seus problemas na congregação. Pois, só assim, estaria alcançado o objetivo de seu ministério, o alvo de sua autoridade, visto que a edificação, a confirmação e o crescimento deles, e não seu prejuízo espiritual, foi o motivo porque

trabalhava tão intensamente. Este objetivo da disciplina eclesiástica sempre devia ser guardado em mente, para que não nos tornemos culpados de práticas legalistas.<sup>9)</sup>

A conclusão: *V. 11) Quanto ao mais, irmãos, adeus! Aperfeiçoai-vos, consolai-vos, sede do mesmo parecer, vivei em paz, e o Deus de amor e de paz estará convosco. 12) Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam 13) A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.* Paulo não se priva de concluir sem algumas observações carinhosas, tão de acordo com seu costumeiro tom meigo. Não lhes carrega algum rancor pessoal, e toda e qualquer vingança é alheia à sua natureza. Ordena-lhes que se regozijem, Fp. 3. 1; 4. 1; 1.Ts. 5. 16; para serem aperfeiçoados, a crescerem no conhecimento da vontade de seu Senhor; a serem confortados e confortar um ao outro com respeito a todas as coisas que os magoaram; a serem de uma só mente, a terem uns pelos outros uma consideração tão afetuosa, um interesse tão terno no bem-estar mútuo, que pusesse de lado quaisquer facções e qualquer espírito partidário; e a viverem em paz, preservar uma harmonia tão forte que pudesse oferecer uma frente uniforme a quaisquer inimigos de fora. Cf. 1. Co. 1. 10. Sendo esta a situação, então o Deus de amor e de paz se deleitaria em estar com eles, a viver em seu meio. Como irmãos uns dos outros e como filhos do mesmo Pai celeste, deviam estar unidos para experimentar a riqueza de Sua graça e a abundância de Suas bênçãos.

Com esta esperança, própria de um pastor fiel, Paulo os admoesta a se saudarem uns aos outros com ósculo santo, ou seja, com a usual forma oriental de saudar que, muito cedo, se tornou parte do ritual cristão, e que indicava a fraternidade dos fiéis na família de Deus. Paulo, para lhes mostrar que eram recordados no amor cristão, lhes envia as saudações dos cristãos da Macedônia, onde escrevia esta carta. Sua conclusiva saudação apostólica é aumentada para incluir as três pessoas da Trindade: A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo estejam com vós todos. Esta bênção atribui a cada pessoa da Divindade uma parte especial, mas não exclusiva, na obra da redenção. A graça de Jesus Cristo se evidenciou em Sua encarnação, em todo Seu viver, em Seu sofrimento e morrer vicário, em Sua obra como nosso advogado perante o Pai. O amor de Deus Pai se atestou em Seu conselho pela salvação da humanidade, em Seu sacrifício de Seu Filho unigênito, em Seu estar em Cristo, reconciliando Consigo o mundo, em Seu aceitar-nos em Cristo como seus filhos amados. A companhia, ou a comunhão, do Espírito Santo, o alcance de Sua influência graciosa através dos meios da graça, nos capacita a apreciar as maravilhas da misericórdia de Deus e seguir Sua condução santificadora. Nota: “Temos nesta passagem a doutrina prática da Trindade, sendo que o Pai revela Seu amor em Cristo, sendo Cristo aquele em e por meio de quem Ele se revela, e por quem é conseguida a obra da redenção, e a comunhão da vida piedosa (no Espírito Santo), que procede de Cristo.”

**Resumo:** Paulo anuncia sua determinação de, se necessário, usar todo rigor em Corinto; apela aos seus leitores permanecerem aprovados em Cristo e não permitirem que tal aconteça; conclui com saudações e uma saudação apostólica muito completa.

## A OFERTA CRISTÃ

Até a poucos anos atrás, este assunto era apresentado em muitas congregações, unicamente com temor e tremor, porque, por um ou outro motivo, não era considerado apropriado pensar e falar dos negócios da congregação, como tais. Porém, quando ocasionado por um movimento que foi começado principalmente pelos próprios membros das congregações, então a idéia predominante, que é a de uma obrigação incômoda, foi substituída, na maioria das comunidades, pela dum privilégio feito com carinho. Assim como os pastores são os mordomos dos mistérios de Deus e como deles se espera que, no nome de Jesus e em lugar das congregações, graciosamente repartam dos tesouros ilimitados da graça

---

<sup>9)</sup> Cf. Lutero, 19. 878.

de Deus, da mesma forma todos os membros da igreja, sendo mordomos da benignidade de Deus e mantendo sua propriedade em confiança para o Senhor, estão investindo a propriedade que lhes foi confiada no interesse do Dono e recebem ricos lucros.

Os cristãos têm as melhores razões para um ofertar cristãos. Têm ante si o exemplo daqueles que deram provas de sua prontidão e disposição de investir seu dinheiro pelo Senhor. 2. Co. 9. 1, 2. Um cristão é sempre tomado dum sentimento desagradável quando descobre que outros o precederam nalguma obra em que ele, em virtude de seu discipulado, sente interesse, seja isto em sua própria congregação ou na igreja em geral. E quando esta disposição for acompanhada por um zelo que torna esta sua intenção em cordial execução, quando for uma disposição não só da boca mas também da mão, então a influência disso será ainda maior, 2. Co. 8. 1-5. A notícia que alguma congregação pequena e relativamente pobre em proporção fez mais do que uma que é grande e rica só pode agir como um estímulo para quantos são lerdos. A condição ideal seria que um zelo mútuo agisse como uma provocação mútua para mostrar o verdadeiro espírito e amor ao Senhor.

Outra razão que impele cristãos a ofertar conforme a capacidade, especialmente onde se apela para a sua caridade para com os pobres e necessitados, é o fato que os beneficiários terão muito proveito das doações. Dinheiro coletado com o propósito de caridade, ou seja, dar assistência a co-cristãos ou a pessoas de fora, em especial quando o assunto é tratado tão cuidadosamente como o foi a coleta pelos irmãos de Jerusalém, que Paulo realizou, proverá por reais necessidades e não trará quaisquer luxos. Mas as preces daqueles que foram beneficiados subirão ao trono da graça em favor dos doadores, e isto, com certeza, agirá como um impulso adicional a todos os cristãos que são capazes de ajudar e que não tornam sua caridade um assunto de discurso morto. Além disso há também a certeza do aumento de comunhão que acompanha o ofertar adequado e cordial. Os corações dos beneficiados e dos doadores são unidos uns aos outros numa comunhão de amor que, certamente, redundará no bem de todos.

Mas a razão final e mais importante para a oferta cristã é a recordação do amor de Cristo que foi mostrado a nós em tudo quanto ocorreu na obra da redenção. Quando um cristão compreende a tolice inexprimível, a vileza e a culpa do pecado; quando, de fato, tem alguma idéia do fato que, por causa de seus pecados, mereceu a ira e o desagrado de Deus, a morte temporal, e a eterna condenação; quando então contempla esse amor maravilhoso e abnegado que moveu Deus a entregar seu Filho unigênito à morte por amor a ele, então é rejeitado e erradicado todo e qualquer sentimento de avareza e todo e qualquer amor egoísta, para que dê lugar a uma demonstração gracioso e carinhoso de afeto caridoso para com o próximo, 2. Co. 8. 8, 9.

No que diz respeito ao método da oferta cristã, a Palavra de Deus não estabelece uma lei sobre os cristãos do Novo Testamento. Mas o conselho do apóstolo, quanto a um ofertar sistemático, é certamente digno da mais profunda consideração, caso não duma franca consideração, 1. Co. 16. 1, 2. Sua sugestão de ofertar regularmente e sistematicamente, quando for possível, cada domingo, tem sido considerado tão valioso na prática, que poucas congregações desejariam voltar a algum método diferente de reunir fundos para suas próprias atividades bem como para objetivos externos. Os métodos fortuitos seguidos em certas regiões, conforme os quais cada membro tem sua própria vez para contribuir com fundos para as várias caixas dentro e fora da congregação, não deve ser recomendado nem do ponto de vista e da natureza humanos. O conselho de Paulo foi um conselho inspirado e sob todos os aspectos tem mostrado seu valor.

Também é bom guardar em mente o valor da sugestão de São Paulo aos coríntios sobre o modo e a maneira de ofertar. Ele insiste que cada um oferte o que pode, conforme a prosperidade que o Senhor lhe deu, 1. Co. 16. 2. É o sentimento de que todos os bens desta vida são evidências da bondade e do amor imerecido de Deus que devia impelir um cristão a ofertar, bem como determinar a quantia que investe em favor do Senhor, Pr. 19. 17. Isto é expresso de modo ainda mais forte por meio da admoestação que cada um dê conforme

propôs em seu coração, ou seja, aquilo que seu coração, sob a direção do amor de Cristo, julga ser uma quantia própria e adequada. Uma oferta que não é entregue com disposição sincera fracassa em seu objetivo que é ter a aprovação do Senhor. É em vista disso que Paulo acrescenta: Não com má vontade ou por obrigação. Quando as coletas são feitas no espírito que o apóstolo aqui defende, num coração cristão não deve ser encontrado o sentimento de que esteja sendo espoliado, como se sofresse extorsão. Um cristão, quando age sob a coação dos motivos que o apóstolo dá, será feliz em espalhar suas ofertas com mão generosa, não permitindo a ninguém que um sentimento de avareza governe qualquer de suas ações, pois Deus ama um ofertante satisfeito, 2. Co. 9. 7.<sup>10)</sup>

---

### O ASSIM CHAMADO “EVANGELHO SOCIAL”

Um dos aspectos significativos da teologia de hoje é a sua emancipação daquilo que zombeteiramente designa como a “outra experiência de vida” (other worldliness) da doutrina cristã. O movimento começou na Alemanha, quase um século atrás. Alcançou um ponto alto na América, mesmo antes da (primeira) guerra mundial, e agora (logo depois) quando começou a reconstrução se tornou uma divisa, e mesmo na religião assumiu proporções alarmantes. O objetivo do movimento, como recentemente afirmado por um orador de destaque, não é a salvação das almas, mas “a do próprio Cristo, para estabelecer na terra o reino dos céus ou uma civilização celeste, de combater toda e qualquer injustiça e pecado, tanto a nível individual como social.”

Dos vários livros e panfletos que pareceram nos últimos anos pode ser visto para onde este movimento conduziu seus expoentes. Aqui só podem ser apontados alguns dos equívocos que servem para subverter os fundamentos de nossa fé. Falam dum “desenvolvimento da religião cristã,” ainda que o conteúdo da fé cristã esteja estabelecido na Sagrada Escritura. Que não têm qualquer consideração às Escrituras e nem à história, se vê da afirmação dum escritor que fala da “nova teologia de Paulo” como sendo o produto de nova experiência religiosa e de necessidades práticas,” o qual escreve nas seguintes palavras da conversão de Paulo: “A experiência de Paulo junto a Damasco foi a culminância de sua luta pessoal e a sua emergência na liberdade espiritual. Mas seu ponto de transição recebeu sua intensidade de seu fundo social. Decidia, quanto a ele, entre a antiga estreita religião nacionalista do judaísmo conservador e um destino mais amplo para seu povo, entre a validade da lei e a liberdade espiritual, entre as pretensões exclusivas de Israel sobre a esperança messiânica e uma participação universal nas prerrogativas históricas do povo primogênito.”

Quando se disseca tão friamente o milagre da conversão, não é de surpreender que todas as doutrinas fundamentais do cristianismo caiam ante sua investida. A doutrina da queda e do pecado herdado, tão claramente ensinada nas Escrituras, é deixada de lado como algo de pouca consequência. A existência de Satanás e dos anjos maus é negada tranquilamente: “Os demônios enfraqueceram para uma irrealidade poética.” A salvação se torna meramente “a socialização voluntária da alma.” A conversão é só “a nosso real rompimento com velhos hábitos e associações e o nosso giro para uma nova vida.” Nem uma só palavra do poder regenerador de Deus. A fê salvadora não cabe neste novo sistema, e, por isso, é tranquilamente deixada de lado: “Fé é assumir que este é um mundo bom e que a vida vale a pena ser vivida.... Fé é enxergar Deus em ação no mundo e desejar participar em Sua tarefa.”

---

<sup>10)</sup> 37) Cf. *Syn. Ber.*, Texas, 1913; West., 1913; Dallmann, *Oferta Cristã*.

Quanto ao benefício do batismo se afirma: “O pecado original e a regeneração batismal parecem estar assinalados com a extinção.”

Mas o auge da exposição blasfema é alcançado no capítulo sobre “O Reino de Deus.” O autor diz expressamente: “Esta doutrina em si mesmo é o evangelho social. Sem ela, a idéia duma redenção da ordem social não passará dum anexo da concepção ortodoxa do esquema da salvação.... O reino de Deus é organizado humanamente conforme a vontade de Deus.” Desta forma, é este o alvo do evangelho social, a saber, estabelecer o reino de Cristo, o reino dos céus, o reino de Deus aqui na terra, como uma organização externa e visível.

Para formar uma avaliação correta e adequada deste movimento, somos guiados pelo fato que a Bíblia sublinha a espiritualidade do governo e do reino de Cristo. “O Meu reino não é deste mundo,” diz Jesus a Pilatos, Jo. 18. 36. E aos fariseus diz Ele: “O reino de Deus não vem com visível aparência,” Lc. 17. 20. Completamente de acordo com este fato, escreve Paulo a Timóteo: “O firme fundamento de Deus permanece, tende este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem,” 2. Tm. 2. 19. Este fato está suportado por grande número de passagens de todas as partes da Bíblia. Os cristãos são chamados hóspedes, forasteiros, peregrinos neste mundo, Sl. 119. 19; 1. Pe. 2. 11; Hb. 11. 13; Sl. 39. 12. O apóstolo Paulo repisa este fato em muitas das suas cartas. Dos cristãos diz que gemem dentro de si, esperando pela redenção de seu corpo, Rm. 8. 23. Aos coríntios escreve: “Estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor,” 2. Co. 5. 8. Seu ardente desejo está expresso ao filipenses: “Tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor,” Fp. 1. 23. Quanto a todos os cristãos diz: “A nossa pátria está nos céus,” Fp. 3. 20. Ele admoesta aos colossenses: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra,” Cl. 3. 1, 2. Cf. Hb. 13. 14.

Nós cristãos, com base nestas passagens tão claras, rejeitamos, com inflexível ênfase, o evangelho social destes últimos dias. Sabemos que a vida dos cristãos aqui na terra é, tão somente, uma preparação para a eternidade, que nosso trabalho bem como nossas recreações estão incluídas neste nosso aprontar-nos para nosso glorioso retorno ao lar. Nosso dinheiro e nossos bens não são posses permanentes nossas, mas, tão somente, nos foram confiados, sendo nós seus administradores, para serem empregados para a glória de Deus e para o bem-estar de nosso próximo, Sl. 62. 11; Jr. 9. 23; 1. Tm. 6. 17. Esposo, esposa e filhos são dons de Deus, e agrada ao Senhor quando estamos felizes no círculo de nossa família ou em qualquer outro lugar, sendo ainda assim verdade: “O que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem; mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem; e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa,” 1. Co. 7. 29-31.

Somente quando guardamos em mente estes fatos, seremos capazes de levar nossas vidas terrenas em harmonia com a Palavra e a vontade do Senhor. Incidentalmente rejeitamos a insinuação que nós, por causa do mundo vindouro, nos esquecemos das tarefas desta vida presente. E isto, exatamente, porque temos a correta compreensão e valorização dos tesouros eternos que nos esperam, que nos guardamos contra a perda destes maravilhosos dons, seja por meio de pecados de comissão ou de omissão. Porque sabemos o que nosso Salvador, por meio de amor desinteressado, fez por nós, estamos muito mais dispostos para servir nosso próximo por meio de todas as obras de amor e de compaixão e para cumprir todas as tarefas que, como cidadãos, pesam sobre nós. Neste sentido, estamos no mundo, mas não somos do mundo, mas esperamos com ardente expectativa o dia da revelação do reino da glória.<sup>11)</sup>

Canoas, 07 de maio de 05.  
ED.

---

<sup>11)</sup> 38) Cf. Rauschenbach, *A Theology for the Social Gospel*.

